

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
- UNICAMP -

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
- FEF -

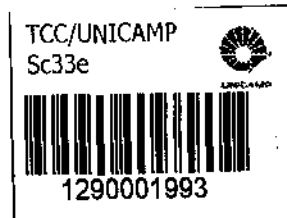
**“ESCOLAS DE ESPORTES:
UMA QUESTÃO PEDAGÓGICA”**

ALCIDES JOSÉ SCAGLIA

ORIENTADOR:
PAULO CÉSAR MONTAGNER

CAMPINAS
- 1995 -

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
- UNICAMP -



FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
- FEF -

**“ESCOLAS DE ESPORTES:
UMA QUESTÃO PEDAGÓGICA”**

Por:
ALCIDES JOSÉ SCAGLIA

Monografia apresentada
à disciplina Seminário
de Monografia II, como
parte integrante da
avaliação final para a
obtenção do título de
bacharel em Educação
Física, sob a orientação
do Prof. Mestre Paulo
César Montagner.

CAMPINAS
- 1995 -

Resumo

O objetivo desta monografia é apresentar um estudo na linha da pedagogia de esportes, que ressaltem as questões pedagógicas inseridas num processo de ensino-aprendizagem na iniciação esportiva.

Para isto, são discutidos e relacionados os conceitos de pedagogia, esporte e educação, para que possam suportar teoricamente o desenvolvimento de um trabalho com escolas de esportes.

Alguns fatores inerentes a este processo são analisados no transcorrer do estudo, como a importância da preocupação com o desenvolvimento motor, com a idade da iniciação esportiva e com a competição. Destacando-se os seus pontos positivos e negativos.

Estas teorias dão base para a apresentação do relato das experiências com a escolinha de futebol da FEF-UNICAMP, que a partir de uma pedagogia diferente procurar ensinar o futebol e seus fundamentos.

Ao final, uma nova proposta de trabalho com o futebol é construída, procurando-se levar em consideração todos os pontos levantados no transcorrer deste trabalho monográfico.

SUMÁRIO

Resumo.....	I
Introdução.....	03
Capítulo I	
Escolas de esportes e suas relações com a pedagogia, a educação e o esporte.....	08
Capítulo II	
Fatores inerentes à uma escola de esportes.....	19
2.1. O desenvolvimento motor e cognitivo.....	19
2.2. A iniciação esportiva.....	27
2.3. As escolas de esportes e a competição.....	40
Capítulo III	
Escolas de esportes - Um estudo na FEF-UNICAMP com o futebol..	45
3.1. Princípios pedagógicos.....	49
3.2. Metodologia da ação prática.....	53
Capítulo IV	
Da teoria para prática: uma proposta de trabalho para escolinhas de futebol.....	59
4.1. Da teoria para prática.....	59
4.2. Proposta de trabalho.....	61
4.3. Organização do trabalho.....	68
4.4. Atividades lúdico-pedagógicas.....	76
Considerações finais.....	88
Referências bibliográficas.....	91

1 - Introdução

Atualmente é grande a proliferação de Escolinhas de várias modalidades na nossa sociedade, como futebol, vôlei, basquete, natação ..., destinadas a acolher um público infantil e adolescente, basicamente compreendendo as idades de 6 até 16 anos.

O que antes era “privilégio” de prefeituras e clubes, hoje está sendo explorado, até com fins lucrativos, por agências. Ex-atletas consagrados utilizam de sua “fama” e prestígio para atrair alunos para suas escolinhas, estabelecendo uma relação comercial através do esporte.

Adentrando nesse universo, dúvidas surgiram, e remetem a pensar sobre o que é desenvolvido nessas escolinhas e quais as suas finalidades. Portanto, pode-se questionar: Se as escolas de esportes estão proliferando e ampliando suas atuações para várias modalidades, quais devem ser os objetivos do trabalho nessas agências não formais de ensino ?

Esta pergunta podem levar a pensar em dois objetivos distintos. Inicialmente, um objetivo de caráter pedagógico-educacional sob o esporte e o outro com um objetivo de busca de talentos e especialização precoce. Porém, apenas um dessas idéias será objeto de estudo desta monografia, não obstante reconhecer as divergências de postura existentes no mercado de trabalho, especialmente no futebol.

Alguns autores como Freire¹, Parlebás², Sérgio³, Paes⁴, entre outros, acreditam que o trabalho com as escolinhas de esportes se materializa por meio de uma prática pedagógica, preocupada com um desenvolvimento harmonioso e global de seus alunos, respeitando seus estágios de crescimento e desenvolvimento, físico e cognitivo respectivamente, onde, a escola de esporte, através de sua práxis pedagógica, deve contemplar várias possibilidades, tais como : sociais, intelectuais, motoras, educacionais e também esportivas.

Portanto, parece ser função básica das escolinhas proporcionarem um processo de ensino-aprendizagem, que venha a possibilitar um aprendizado da modalidade em questão, mas que este aprendizado técnico não tenha um fim em si mesmo, ou seja, este processo deve estar envolvido em todo um contexto vivido pelo aluno. Completando o pensamento, Montagner⁵ diz “... o esporte não é educativo à priori. É preciso torná-lo um meio de educação”. Com isto, vê-se que o esporte poderá ser o que se fizer dele, pedagógico, performístico, alienador...

Para uma melhor compreensão, lançando mão de uma analogia, pode se ter ilustradas as idéias por meio do exemplo da matemática escolar. Na escola, sem exceção, todos os alunos tem a possibilidade de aprender a matemática, mas esta disciplina não tem por finalidade transformá-los em matemáticos, mas eles utilizarão a organização matemática assimilada durante toda a vida e ainda

¹ João Batista FREIRE é idealizador e coordenador da Escolinha de Futebol de FEF-UNICAMP, além de doutor na área de psicologia educacional e autor das obras: “Educação física de corpo inteiro” e “De corpo e alma”.

² Pierre PARLEBÁS e sua teoria da ação motriz

³ Manuel SÉRGIO pode ser considerado o idealizador da ciência da motricidade humana, aludido filósofo português autor de obras como: “Para uma epistemologia da motricidade humana” e “Educação Física” ou ciência da motricidade humana?”.

⁴ Roberto Rodrigues PAES é docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP e autor do livro “Aprendizagem e competição precoce” O caso do basquetebol.

⁵ Paulo Cesar MONTAGNER, “Esporte de competição X Educação ?” O caso do basquetebol, Piracicaba, 1993. Dissertação (mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UNIMEP, p.57, 1993.

aqueles que se interessarem em se tornarem matemáticos terão esta oportunidade, pois a fundamentação, a base matemática foi ensinada na escola.

Através desta analogia pode-se transcender e pensar uma escolinha de esportes envolta por uma concepção de educação permanente, que através da aplicação de conhecimentos de pedagogia de esportes terá a finalidade e a responsabilidade de possibilitar um desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social, ou seja global, de seus alunos, ampliando as possibilidades deste campo⁶.

Uma segunda e divergente idéia à respeito do trabalho que pode ser desenvolvido, resume-se em dizer que outra característica, ou função, das escolinhas de esportes está na descoberta de jovens e promissores talentos, onde por meio de treinamentos específicos e técnicos, visam possibilitar a concretude da formação destes talentos.

Portanto, as escolinhas nesta perspectiva, se constituem um celeiro de jovens atletas, que tem por finalidade única a fixação do sonho com o alto rendimento.

Em meio a esse universo, pode-se acrescentar a especialização precoce e a caça ao mini talento, práticas estas muito difundidas e estimuladas por alguns professores (técnicos).⁷

Observa-se que a afirmação dessas escolinhas se encontra na busca de resultados, onde por meio de competições é que o trabalho se diz avaliado.

Porém, neste momento não se cabe fazer críticas a este ou aquele trabalho, nem tão pouco afirmar qual é melhor. Todavia, o estudo procura

⁶ Como referência podemos nos utilizar do anexo da dissertação de mestrado do professor Paulo Cesar MONTAGNER, que se encontra nas dependências da biblioteca da FEF-UNICAMP.

⁷ Roberto Rodrigues PAES, em seu livro já citado (op. cit.), no seu capítulo destinado a revisão bibliográfica, desenvolve vários comentários, e debate com outros autores, no tocante ao tema da especialização precoce.

mostrar de maneira mais abrangente o trabalho com escolinhas baseados em procedimentos didático-pedagógicos norteadores da prática. Sendo os relatos das experiências da Unicamp a base de onde partirá a discussão.

Para isto, constituiu-se como objetivo central deste estudo levantar discussão à respeito do trabalho desenvolvido nas escolinhas de esportes, preocupando-se em mostrar que este pode assumir um caráter pedagógico. Ao final, este estudo deve possibilitar um momento de reflexão à prática desenvolvida nestes locais destinados a aprendizagem desportiva, bem como, nas concepções dos profissionais envolvidos com o tema.

Objetiva-se neste estudo dizer, que as escolinhas podem se constituir em locais destinados a iniciação e aprimoramento esportivo, onde o jogo deve ser carregado de um caráter educativo, sendo que o aluno deva aprender a modalidade escolhida e mais todos os outros valores que o esporte trás consigo, como a moral, o “fair play”, entre outros, não se preocupando com o resultado imediato, deixando este momento para posteridade, quando se dará início a formação de atletas, através de treinamentos mais específicos.

Em síntese, o plano de redação deste trabalho segue esta sequência: no primeiro capítulo a preocupação se volta para a conceituação dos fenômenos esporte, pedagogia e educação, relacionando-os entre si, construindo um corpo teórico que suporte o transcorrer do estudo.

O segundo capítulo é dividido em tópicos, onde o primeiro discutirá o desenvolvimento motor, o segundo refletirá sobre a iniciação esportiva, e fechando o capítulo discutiremos a competição e sua importância no processo de ensino e desenvolvimento nas escolas de esportes.

Já o terceiro capítulo apresenta o trabalho da escolinha de futebol da FEF-UNICAMP, sua pedagogia, seus princípios, sua metodologia e seu planejamento.

O quarto e último capítulo se constitui numa proposta de trabalho para escolas de futebol, que foi construída baseada em toda teoria discutida no transcorrer desta obra monográfica, principalmente no terceiro capítulo, além de descrever atividades pedagógicas para o ensino e aprimoramento no futebol e seus fundamentos.

As considerações finais procuraram sintetizar todas as idéias levantadas neste trabalho monográfico.

Capítulo I

O trabalho de uma Escola de Esportes⁸ deve visar especificamente, além do desenvolvimento e aprendizado da modalidade esportiva em questão, a promoção da saúde e da condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras (ampliando-se o repertório motor), e o entendimento do esporte como um fator cultural (humano), estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados.

Para colocar em prática essas idéias deve-se ater esforços e estudos em três aspectos teóricos: o esporte, a educação e a pedagogia, onde que, através de suas abrangências e correlações, constituirão a base de uma pedagogia de esportes, determinante para uma coerente conduta das escolas de iniciação esportiva.

Portanto, para uma melhor organização do presente estudo, conceituaremos separadamente os três aspectos, para logo após, relacioná-los visando não perder a noção do todo.

Esporte

Segundo os estudos de Betti⁹ o termo esporte refere-se àquela modalidade de atividade física definida, como uma ação social

⁸ O termo Escola de Esportes deve ser entendido como um local de aprendizado de qualquer modalidade esportiva, isolada (exemplo: escolinha de futebol, de ginástica ...), ou seqüencial (onde o aluno aprende um certo número de esportes durante um determinado período de sua iniciação esportiva)

⁹ Mauro BETTI, Educação Física e Sociedade, p. 24, 1991.

institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente.

Educação

Para Saviani¹⁰ a educação, enquanto fenômeno, se apresenta como uma comunicação entre pessoas livres em graus diferentes de maturação humana, numa situação histórica determinada. Complementando, temos Saviani e também Guiraldelli Jr.¹¹, dizendo que a educação é uma prática educativa gerada por uma teoria pedagógica.

Pedagogia

Pedagogia está ligada à condução ao saber¹², ao conhecimento sistematizado, e para isto ela se utiliza de várias formas, meios, para atingir o seu fim. Portanto, a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos,

¹⁰ SAVIANI D., Do senso comum a consciência filosófica, p. 51, 1989.

¹¹ Paulo GUIRALDELLI JR. "O que é pedagogia", 1991.

¹² Autores como GUIRALDELLI JR. (1991), SAVIANI (1989), LIMA (1987), relatam que a pedagogia é a atividade do pedagogo, que na antiguidade, principalmente na Grécia e Roma, era o escravo que conduzia a criança, de cerca de sete anos, da casa à escola, portanto, o pedagogo se constituía no mediador entre a família e a escola. Depois, seguindo a história, o pedagogo de mero condutor da criança, da casa para a escola, se transformou em educador.

segundo Guiraldelli Jr.¹³, relativos ao como ensinar, a o que ensinar e para quem ensinar.

Relações Esporte, Educação e Pedagogia - uma revisão da literatura

Segundo Betti, a Inglaterra foi o primeiro país, o pioneiro, em aceitar e utilizar o esporte como um meio de educação. Através da educação física possibilitava-se ao estudante desenvolver sua capacidade de governar outros, controlar a si próprio e conciliar a atitude de liberdade com ordem. Qualidades estas que vinham de encontro as idéias de construção de um modelo de homem inglês. Este modelo, além de forte e possuidor das qualidades acima citadas, deveria adquirir também, através do esporte, outras qualidades, tais como: lealdade, cooperação, auto-disciplina, iniciativa, tenacidade e espírito esportivo, que somadas as anteriores, preencheriam as necessidades da administração do império britânico¹⁴.

Através deste exemplo, podemos vislumbrar que já na antiguidade o esporte não era visto apenas como um esforço físico em busca de um rendimento, mas sim demonstrava as suas outras dimensões, confirmando o que Montagner nos revela, que o esporte poderá ser o que fizermos dele, pedagógico, educativo, performístico, alienador...¹⁵

¹³ GUIRALDELLI JR. op. cit. 1991.

¹⁴ BETTI, op. cit., p. 45, 1991.

¹⁵ MONTAGNER, P. C. "Esporte de competição X Educação?" o caso do basquetebol. Dissertação de mestrado, 1993.

Sob esta ótica, Medina diz que não podemos entender, que o esporte por si só, possa significar saúde, educação, e cultura, numa perspectiva de autêntico desenvolvimento humano, se este estiver descontextualizado de seus aspectos sócios-culturais ou sem uma clara noção de suas intenções subjacentes. Sem esta visão de atuação do esporte, este será apenas usado com instrumento de manipulação e alienação, aliados a simples reprodução dos valores (positivos e negativos) vigentes¹⁶.

Já Belbenoit nos diz:

*“O desporto não é educativo sobre todos os planos, a menos que um educador faça dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de educação, que se o integre pela prática e pela reflexão naquilo que eu chamarei uma ética de saúde ‘global’ (...).”*¹⁷

Montagner¹⁸ novamente nos alerta dizendo que o esporte não é educativo *à priori*, é preciso se fazer dele um meio de educação, e este só o será quando tiver por finalidade transferir um conhecimento ao “atleta” (aluno), tanto à nível técnico-esportivo, quanto à valores culturais que o levarão a um desenvolvimento global. Global, porque devemos entender o homem (aluno) como um ser total humano; um ser sujeito, nunca objeto, que é carente na sua busca pelo superar-se, como nos explica Manuel Sérgio¹⁹.

¹⁶ J. P. S. MEDINA, “Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo”, p. 141, 1992.

¹⁷ Belbenoit apud BETTI, p. 53, 1991.

¹⁸ P. C. MONTAGNER, op. cit., 1993.

¹⁹ M. SÉRGIO, op. cit., 1987.

Ainda Manuel Sérgio nos fala que o desporto²⁰ deve estar ciente do seu papel, na renovação e transformação do homem, pois:

*“... o desporto há-de ser uma actividade instauradora e promotora de valores. Na prática desportiva, o Homem tem de aprender a ser mais Homem!”*²¹

Com isto, ele propõe que, o atentos professores devem promover um desporto, não só visando a saúde e aptidão física, mas também como agente e fator de cultura.

Complementando os pensamentos de Manuel Sérgio, vemos Betti²² nos dizer que o esporte não deve se restringir a um “fazer” mecânico, visando um rendimento exterior ao indivíduo, mas tornar-se um “compreender”, um “incorporar”, um “aprender” atitudes, habilidades e conhecimentos, que levem o aluno a dominar os valores e padrões da cultura esportiva.

Dando seqüência a esta linha de pensamentos dos autores a cima citados, entendemos que o esporte deve ser ensinado em todas as suas abrangências, possibilidades, dimensões.

Pois, como Verenguer²³ nos mostra:

²⁰ O termo desporto deve ser entendido como esporte. Pois, em Portugal eles são sinônimos, mas, não podemos deixar de mencionar que alguns autores caracterizam esporte e desporto de forma diferenciada, como, por exemplo, CANFIELD (1985), que diz que o jogo está contido no esporte e no desporto e assim o esporte no desporto. Para Canfield o esporte é um meio de educação, já o desporto baseia-se na competição, na rivalidade e no rendimento; o esporte visa o ser o desporto visa o ter.

²¹ Manuel SÉRGIO. “Para um desporto do futuro”, p. 5, 1985.

²² BETTI, Op. cit., 1991, p. 58.

²³ R. C. G. VERENGUER. “Sobre a premência do estudo do fenômeno esporte”. Revista paulista de Educação Física-São Paulo, 3 (5): p. 84, 1993.

“... não é possível considerar o esporte apenas como um fenômeno motor, mas, também, como um produto das relações da sociedade contemporânea nos diversos níveis de envolvimento.”

Tubino²⁴, contribui ao nosso estudo, mostrando que a partir de 1979, através da edição da “Carta Internacional de Educação Física e Esporte”, temos uma mudança paradigmática geral do esporte. Antes o paradigma esportivo tinha como perspectiva apenas o rendimento, a busca da alta performance. Depois desta carta, observa-se uma nova visão do esporte, onde este é visto como um direito de todos, portanto, além de se consolidar o esporte de alto rendimento, abre-se um grande espaço, para o que se convencionou chamar de “esporte participativo” e “esporte educativo”, onde as pessoas ditas “comuns”, mais os jovens e as crianças, têm a oportunidade de se usufruírem também do esporte. Pois, se a prática desportiva traz benefícios, todos devem ter direito de usufruir deles.

Com isto, tem-se com este novo conceito de esporte, uma abrangência em 3 áreas de manifestações distintas e interatuantes²⁵:

- a) Manifestação esporte-performance - objetivo, alto rendimento;
- b) Manifestação esporte-participação - objetivo, promover o bem-estar, recreação, e o esporte-lazer para todos;
- c) Manifestação esporte-educação - com objetivos claros de formação, norteada por princípios sócio-educativos, preparando seus praticantes para a cidadania.

²⁴ M. J. G. TUBINO, “Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI”, p. 125-139, 1992.

²⁵ idem, ibidem, p. 133.

Com isso começa-se a visualizar o esporte envolto por um concepção de pedagogia de esportes, pois, como dissemos anteriormente²⁶, se a educação é uma ação, e a pedagogia é a teoria que permeia esta ação, logo, o esporte educação só pode existir se respaldado por uma pedagogia adequada.

Durkheim defini pedagogia como teoria prática da educação, com isso, pretende indicar que a pedagogia é uma teoria que se estrutura a partir de uma ação, portanto, elaborada em função de exigências práticas, interessadas na execução da ação e seus resultados.²⁷

Já Saviani²⁸ complementa as idéias de Durkheim, dizendo ser necessário entender a pedagogia como uma “teoria geral da educação”, que visa uma sistematização “a posteriori” da educação, ou seja, uma teoria construída a partir e em função das exigências da realidade educacional (realidade processo e realidade produto). Acreditando que a realidade educacional não deve somente visar o produto acabado, mas também deve descrever, explicar e interpretar esta realidade, fundamentada num processo.

Portanto, conectando nossas idéias, e nos apoiando nas idéias de Bento, é tempo de pensar o desporto mais em função do homem que o prática. É tempo de uma ofensiva pedagógica, inerente ao sentido e à mensagem do desporto para todos; é tempo de aprofundar e reforçar a confiança no seu papel educativo, sobretudo no tocante a crianças e jovens.²⁹

²⁶ rever notas das falas de SAVIANI e GUIRALDELLI JR.

²⁷ Durkheim apud SAVIANI, 1989.

²⁸ Demerval SAVIANI “Do senso comum a consciência filosofia”, p. 59, 1989.

²⁹ Jorge Olímpio BENTO “Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva” p. 113-146, in “O desporto no século XXI” O s novos desafios.

Segundo Bento o desporto é pedagógico e por consequência educativo, quando³⁰:

- proporciona obstáculos, exigências, desafios para se experimentar, observando regras e lidando corretamente com os outros;
- quando cada um rende mais, se esforçando muito, sem nunca sentir isto como uma obrigação imposta exteriormente;
- quando não inspira vaidades vãs mas funda uma moral de esforço e dá voz ao suor, afirmando como uma verdadeira escola de auto-rendimento;
- quando socializa crianças e jovens num modelo de pensamento e vida;
- quando ensina que o sucesso não é um objetivo mas apenas um meio de visar mais alto.

Sob esta mesma ótica, Seurin complementa as idéias de Bento, expondo que o esporte apresenta uma grande dimensão educativa, e ressalta alguns fatores que se caracterizam como positivos e negativos, para a formação educativa dos adolescente, mais especificamente.³¹

Os fatores positivos³², destacados por Seurin, são:

- O impulso para o estado adulto leva o adolescente a procurar afirmações através de provas. Pode-se canalizar este impulso para as atividades desportivas que têm o mérito de oferecer situações claras com resultados concretos e precisos podendo o adolescente fixar-se

³⁰ idem, ibidem.

³¹ P. SEURIN, "A competição desportiva e a Educação do adolescente" p. 44 - 47, 1984.

³² idem, ibidem, p. 45.

em objetivos definidos e registrar as consequências de seus esforços, encontrando terreno sólido para esta instabilidade natural.

- O adolescente desportista jovem pode mostrar ser tão ou mais forte que o adulto através do domínio da performance esportiva, dada uma grande capacidade de adaptabilidade orgânica e psicológica e também pelo entusiasmo e disponibilidade que caracterizam este período da vida.
- A competição desportiva pode satisfazer as necessidades de entrega livre mas total, de prova de si e de auto-superação que são tão imperiosas nos adolescentes.
- A agressividade pode canalizar e evoluir para a combatividade, que é a vontade de vencer sem prejudicar o adversário. As tendências agressivas são canalizadas através das regras desportivas organizadas e transparentes.
- Encontram satisfação nos êxitos esportivos três necessidades fundamentais do adolescente: ser amado (ou estimado), ter segurança e ser valorizado, compensando os fracassos intelectuais, afetivos ou sociais.

Seurin ainda destaca alguns fatores, característicos do esporte, que podem se caracterizar como negativos ao adolescente, em contra partida, não se condiz educativo.

Os fatores negativos³³ são:

³³ idem, ibidem, p. 46.

- A atividade desportiva apresenta-se muitas vezes como um trabalho. Obrigações diárias, cobranças, treinamentos excessivos, busca de resultados, pouca ou quase nenhuma preocupação com o desenvolvimento harmônico e equilibrado de crianças e jovens.
- Outras formas de ocupação de tempos livres são mais cativantes e exigem muito menor esforço.
- A hierarquia desportiva e alto nível de performances desencorajam um grande número de jovens.
- Quase tudo é dado aos jovens nos países modernos, nada tendo a conquistar. Não tendo que lutar para viver não tiveram a ocasião de conhecer a lei de esforço. O caso do esforço esportivo, o trabalho sério para se alcançar um resultado passa ser considerado inútil.
- A rigorosidade e exigência do treino desportivo apresenta um antagonismo, uma oposição em relação ao interesse do adolescente. Ele, em geral, quer ser livre e recusa o formalismo e o enquadramento.
- A evolução atual do desporto faz duvidar cada vez mais do valor educativo da competição desportiva.

Portanto, em todo momento em que uma prática pedagógica estiver promovendo o desenvolvimento do espírito desportivo, que contemple a generosidade e o respeito as regras e adversários, o esporte mostrar-se-á educativo. Não obstante, uma prática excludente e seletiva, que impede a crianças, o adolescente, o jovem de ser livre e feliz contradiz os atributos educativos, ressaltados por vários autores.

Seurin, finalizando, nos diz que:

“O combate por um melhor desporto e, através dele, por um valor moral do adolescente é certamente difícil num mundo em que as paixões e os interesses materiais e por vezes políticos tomam um lugar considerável. (...) Mas esse combate merece a entrega total dos educadores e dos próprios adolescentes, se quisermos finalmente salvar os valores educativos do desporto.”³⁴

Bento também se preocupa em salvaguardar os valores educativos do esporte, e para isso acredita na necessidade de se lançar uma ofensiva pedagógica, que requer ainda que técnicos e professores não se deixem cair no papel de meros animadores e entretidores, que os praticantes e espectadores não se sintam apenas fregueses e consumidores, que os dirigentes não vejam no desporto uma mercadoria que se compra ou vende a qualquer preço³⁵.

³⁴ idem, *ibidem*, p. 46.

³⁵ Contudo não está-se querendo negar a existência do esporte-mercadoria.

Capítulo II

FATORES INERENTES À UMA ESCOLA DE ESPORTE

2.1 - O desenvolvimento motor e cognitivo

Lembrando Manuel Sérgio, um dos pontos destacados anteriormente, e tido como fundamentais na pedagogia de uma escola de esporte, é a dedicação e preocupação no tocante a proporcionar um desenvolvimento global, ao aluno, que venha de encontro a sua carência³⁶, ou seja, através de uma pedagogia adequada o aluno possa adquirir e apresentar em cada período da sua vida uma boa qualidade de movimentos³⁷, pois:

“A criança não está à disposição do educador para que ele dela faça o que quer. Não se pode ensinar qualquer coisa à criança de qualquer idade: cada aprendizagem depende do grau de desenvolvimento alcançado pela criança, fato que complica enormemente a escolha das situações que apresentamos à criança como estímulos pedagógicos.”³⁸

Segundo Lima a pedagogia, no presente estudo “de esportes”, deve criar condições que conduzam a criança à realizar todas as suas possibilidades. Para isto, o educador complexifica, progressiva e sequencialmente, as situações para que a criança seja forçada a criar comportamentos adaptativos, com o cuidado

³⁶ Manuel SÉRGIO diz ser o homem um ser carente, que busca constantemente a superação, a transcendência. À respeito deste assunto consultar: “Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana”. Papirus, 1991.

³⁷ J. B. FREIRE “Educação de corpo inteiro” p. 23, 1989.

³⁸ L. O. LIMA, “Introdução à pedagogia” p. 13, 1985.

de adequar qualitativa e quantitativamente as situações ao momento e estágio de desenvolvimento que esta se encontra.³⁹

A construção de novos comportamentos ocorre ao longo da assimilação da realidade: quando os esquemas são insuficientes para assimilar a realidade, o organismo (mente) vê-se forçado a estruturar esquemas mais complexos diversificados (acomodação). Só surgem novos comportamentos quando o organismo (mente) está em atividade assimiladora.⁴⁰

A partir da assimilação e acomodação de novos esquemas, podemos entender e defender, como Freire, a não existência de padrões de movimentos.

“... o que quero dizer é que **não acredito na existência de padrões de movimento**, pois, para tanto, teria que acreditar também na padronização do mundo.”⁴¹

Estas novas estruturas de comportamento adquiridas, são chamadas de **esquemas motores** (o grifo é nosso), que segundo Freire significa:

“... organizações de movimentos construídos pelos sujeitos, em cada situação, construções essas que dependem, tanto dos recursos biológicos e psicológicos de cada pessoa, quanto das condições do meio ambiente em que ela vive.”⁴²

Portanto, a aquisição de esquemas motores se faz inserida dentro de um processo e contexto, que em nosso entender é global, tendo nos estágios de

³⁹ idem, ibidem 1985.

⁴⁰ idem, ibidem p. 14

⁴¹ J. B. FREIRE Op. cit., p. 22, 1989.

⁴² idem, ibidem, p. 22, 1989.

desenvolvimento dos aspectos motores, afetivos/sociais e cognitivos os seus fatores preponderantes.

Jack Leguet nos dá um exemplo, segundo este contexto, que deve ocorrer na aprendizagem dos elementos que compõem a ginástica:

“Limitar-se a aprender o rolamento, o (salto) mortal, é apropriar-se do produto acabado (com bastante frequência, um esteriótipo), ser capaz de rolar sobre si mesmo em condições variadas e ganhar um poder crescente, embora específico, descobrindo casos particulares como o rolamento, o mortal, é entrar no processo.”⁴³

Portanto, o que Leguet entende por entrar no processo é que se faz necessário que o rolamento, o mortal, além de adquirir um caráter significativo para ser incorporado, ele o é internalizado em todas as suas possibilidades, que poderão ser transferidas para quaisquer outras situações de sua vida, que não somente no ato/fazer ginástica.

O caráter global da aprendizagem, nas escolas de esportes, deve ser entendido a partir da aquisição de um esquema motor que leva em conta também as etapas de desenvolvimento de seus outros domínios do comportamento, como: cognitivo, afetivo-social.

Não podemos deixar de dizer que esta aquisição de movimento (esquema motor) é também dependente de uma maturação biológica, que se dá sequencialmente na direção céfalo-caudal, ou seja, do centro para as extremidades, iniciando-se no nascimento e terminando na morte⁴⁴.

⁴³ Jack LEGUET, “As ações motoras em ginástica esportiva”. São Paulo, Manole, p. 22, 1987.

⁴⁴ GoTANI, et al, “Educação Física escolar”, 1988.

Consultando-se a obra de Go Tani⁴⁵, que se faz em alguns momentos um pouco antagônica a de Freire, pode-se visualizar uma seqüência de desenvolvimento motor que determinará as etapas as serem respeitadas ao longo do desenvolvimento de um processo de aprendizagem que dependa da aquisição de esquemas motores.

Tani e seus colaboradores, através de seus estudos e alicerçados por outros autores, determinaram a seqüência do desenvolvimento motor em relação as diferentes faixas etárias⁴⁶:

- Movimentos reflexos - vida intra uterina a 4 meses após o nascimento;
- Movimentos rudimentares - 1 a 2 anos;
- Movimentos fundamentais - 2 a 7 anos;
- Combinação de movimentos fundamentais - 7 a 12 anos;
- Movimentos determinados culturalmente - a partir de 12 anos.

Através desta seqüência podemos notar que para o nosso estudo os movimentos fundamentais (básicos), se mostram muito importantes, são eles: correr, saltar, arremessar, receber, rebater, quicar e chutar.

São importantes porque, através de um trabalho pedagógico adequado podemos proporcionar aos alunos das escolas de esportes uma boa aquisição e desenvolvimento destes movimentos (através da repetição, consistência⁴⁷), determinando as eles uma boa qualidade (através da diversidade de situações, constância), pois, assim, tendo o aluno na sua base motora, um bom

⁴⁵ idem, ibidem p. 65, 1988.

⁴⁶ idem, ibidem, figura 3.2, p. 69

⁴⁷ à respeito dos termos consistência e constância consultar a obra de Go TANI, op. cit., p. 71, 1988.

desenvolvimento e domínio destes movimentos fundamentais, estes irão proporcionar ótimas combinações, de onde novos movimentos surgirão (aumento do repertório motor), possibilitando uma maior facilidade de aquisição e adaptação de habilidades desportivas, permitindo a crianças participar de todo tipo de esporte, do básico (iniciação) ao alto nível.

Pode-se vislumbrar melhor este processo através de um exemplo que Go Tani fornece:

“... uma criança, ao jogar, repete um movimento muitas vezes (consistência) e então, num dado momento do jogo, utiliza-se deste movimento em situações diferentes e não experimentadas anteriormente (constância). Há uma interação dinâmica entre consistência e constância dentro da sequência de desenvolvimento.”⁴⁸

Portanto, Go Tani e seus colaboradores nos deixam cientes da necessidade de se levar em consideração nos planejamentos as etapas do desenvolvimento motor.

Não obstante, e complementando nossos estudos, não pode-se deixar de destacar e avaliar a importância bem como a influência do desenvolvimento cognitivo sobre o motor, ou seja, faz-se necessário uma boa compreensão dos estudos sobre desenvolvimento motor e cognitivo para que as aulas, nas escolas de esportes, possam proporcionar um desenvolvimento harmonioso, global e adequado a cada faixa etária.

⁴⁸ idem ibidem. p. 71.

É Piaget o estudioso que se debruçou incansavelmente para estudar o desenvolvimento cognitivo, e é através de Freire⁴⁹ que podemos compreendê-lo melhor.

Quando nascemos as primeiras expressões de vida “*se parecem mais as crises motoras que a movimentos orientados*”⁵⁰, vivemos uma fase de corpo submisso, mas no momento que os movimentos começam a ser intencionais, entramos numa etapa do corpo vivido⁵¹, ou seja, aquilo que era reflexo passa dar lugar ao aprendido.

Para Piaget, do ponto de vista cognitivo, o primeiro período da vida, que vai do nascimento até o surgimento da linguagem, é chamado de sensório motor. Cronologicamente este período se estende do nascimento até os dois anos aproximadamente, na fase de latência.

A próxima fase que compreende a primeira infância, se inicia com o surgimento da linguagem, incorpora a fase anterior e acrescenta nas atividades das crianças os símbolos e as representações mentais. Piaget chama esta fase de período pré-operatório pois, nesse período a criança vai se preparar para as operações lógico-matemáticas. Nesta etapa, que se situa entre 2 à 6 anos, a criança, através da linguagem, expressa já coordenar ações interiores, pensando e até raciocinando com um pouco de dificuldade.

Passado todo este tempo de preparação a criança adentra-se num novo período. Sobre isto, Freire⁵² cita:

⁴⁹ João Batista FREIRE traz a luz da compreensão os estudos de Piaget entendidos na realidade da Educação Física em sua obra “Educação de Corpo Inteiro”, 1989.

⁵⁰ J. LE BOULCH apud Freire p. 33, 1989.

⁵¹ À este respeito consultar a obra de Jean LE BOULCH “O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 anos”. Porto Alegre: Artes Médicas. 1987.

⁵² J. B. FREIRE, op. cit., p. 34, 1989.

“Finalmente, após diversos anos aprendendo a se movimentar, a pensar, a sentir e a se relacionar, a criança se vê em condições de estabelecer com o mundo uma relação de igualdade. Ou seja, passará de um estado em que se coloca como centro de todas as coisas para um estado onde não é mais o centro, e sim um organismo relacionando com os outros.”

Este novo período que culmina com o adentro da criança no ensino fundamental (de 6 até 10, 12 anos), é denominado por Piaget como operatório-concreto. Ele é marcado pelo início da cooperação e do raciocínio lógico, o que vai mudar completamente a expressão motora da criança, pois esta se verá na necessidade de realizar ações em função de uma tarefa coletiva.

No entanto, os limites deste período se constróem delimitados a um mundo concreto vivido pela criança.

Ela não tem, nesse período operatório concreto, o poder de ultrapassar os limites da prática, o que só começa acontecer com o ingresso na puberdade ou na adolescência.⁵³

A criança não tem a capacidade de abstração, de fuga da realidade concreta, palpável.

O último período de desenvolvimento da inteligência para Piaget, se inicia aproximadamente a partir dos 12 anos, é quando a criança, aqui já pré ou púbere, se introduz ao mundo dos sistemas e teorias. Este período é denominado de operatório-formal ou hipotético dedutivo, onde o indivíduo

⁵³ idem, *ibidem* p. 34.

rompe as barreiras da realidade concreta, abstraindo, trabalhando com hipóteses mentais.

Portanto, transpondo esta teoria para as nossas escolas de esportes, começamos a compreender o porque um jogo, por exemplo de futebol, com crianças é parecido a um “enxame” de abelhas, ou seja, onde a bola esta todos estão, pois, segundo a teoria de Piaget, estas crianças se encontrando no período operatório-concreto, o jogar futebol, para elas, é estar com a bola nos pés e marcar gol, não tendo a capacidade de abstrair para vislumbrar uma possível jogada a partir de uma melhor distribuição espacial no campo.

Isto sendo levado em conta, em nossos planejamentos já determinam, por exemplo qual a melhor idade para se começar a ensinar estratégias de jogo, ou jogadas ensaiadas, nos esportes coletivos.

Mas, também, estes períodos não são estanques, ou seja, não é só quando a criança completa 12 anos, por exemplo, que ela vai adentrar ao período lógico-formal. Não podemos esquecer que nosso desenvolvimento físico (crescimento, desenvolvimento e maturação) não são iguais em todos os indivíduos, existe e sempre existirá o precoce, que muitas vezes é visto como um talento e o tardio, muitas vezes entendido como deficiente.

2.2 - A iniciação esportiva

Faz-se importante que, antes de nos atermos a discussão da iniciação esportiva especificamente, revermos a posição que muitas vezes se assume no tocante a iniciação esportiva, onde em muitas vezes a criança é subordinada a aprendizagem de esteriótipos descritos em manuais técnicos, que em suas “bulas” dizem alcançar resultados imediatos, e onde os doutrinadores não se preocupam em determinar uma posologia, para adequar os graus de dificuldade que será transmitido as crianças.

Como resultado desta produção, pois não podemos chamar de construção, produz-se, às vezes, atletas espetaculares, mas não se dão conta do processo de desumanização que envolve os rituais para a sua produção.⁵⁴

É esta esteriotipação de gestos técnicos aliada a automação de movimentos que devem dar lugar a uma pedagogia de esporte que humanize todo este processo, que não se preocupe em produzir um atleta, mas sim em primeiro lugar produza o homem, que virá a ser o atleta do futuro, mais completo e seguro das suas possibilidades.

Uma boa pedagogia não é aquela que demonstra um gesto para ser imitado, automatizado, mas é aquela que permite ao educando vivenciar um processo de ensino-aprendizagem, onde, através da possibilidade de exploração, a criança descobre o seu gesto motor.

Segundo Incarbone:

“O professor deve ter muito em conta que não deve modelar o menino
à semelhança de ..., e sim ele deve dar uma grande bagagem de

⁵⁴ J. P. S. MEDINA, “Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo”, p. 145, 1992.

experiências motoras contribuindo para o armazenamento de seu acervo motor, o qual permita desenvolver-se no futuro com grande variedade de habilidades motoras, que não só apontariam para um esporte, mas também à sua vida diária.”⁵⁵

Mas não é fácil formar homens quando o sistema pede robôs. Não é fácil desenvolver atletas cidadãos, críticos, conscientes, educados e criativos, quando o sistema pede apenas “máquinas” obedientes e automaticamente descartáveis, quando deixam de produzir o rendimento esperado.⁵⁶

Contudo, longe de uma especialização precoce, o esporte deve permitir a criança iniciante a obtenção de uma boa cultura motora. Proporcionando ao jovem uma aprendizagem motora adequada, estar-se-á tornando a prática esportiva alargada a todos.

Como nos mostra Pires, o esporte visto como um meio educativo e um instrumento pedagógico, deve assumir características de complemento curricular a formação da criança, pois assim entendido, possibilita ao aluno o extravaso de suas necessidades, desejos, e interesses envoltos num regime de liberdade de participação e escolha voluntária.⁵⁷

A iniciação desportiva deve se constituir, segundo Incarbone, o período no qual a criança inicia de forma específica a prática de um ou mais esportes. É a continuação da formação motriz geral.⁵⁸

Expondo as palavras de Incarbone sobre a iniciação esportiva, ele diz:

⁵⁵ INCARBONE, O. “Iniciação desportiva”. 1990.

⁵⁶ João Paulo S. MEDINA, op. cit., p. 152.

⁵⁷ Gustavo PIRES. In “O desporto no século XXI - os novos desafios”. 1991.

⁵⁸ Oscar INCARBONE, op. cit., p. 99, 1990.

“Seu fim imediato é continuar o desenvolvimento do menino apontando para a formação integral. E fim é o ensinamento técnico para um esporte, que será selecionado desde o ponto de vista educativo e que não implica uma competição regular e sim as que se adaptem às possibilidades do menino.”⁵⁹

Para isto, Incarbone lista alguns pontos que o professor deve considerar na iniciação esportiva⁶⁰, são eles:

- os objetivos são a longo prazo com perspectivas de melhorar as condições gerais;
- as condutas a se alcançar devem partir da própria criança;
- não aplicar o princípio autoritário, reivindicar a liberdade;
- desenvolver as potencialidades individuais de cada criança;
- propor diversas e diversificadas atividades;
- trabalhar com um método geral, não submeter permanentemente a técnica;
- estimular a criatividade pessoal, não só o resultado;
- despertar atitudes críticas para as distintas situações;
- utilizar uma pedagogia coerente com a atualidade, dentro de um aspecto mais amplo que o próprio rendimento;
- não buscar um resultado final e sim estimular o diálogo e a superação de todo o grupo;
- desenvolver uma ampla base de trabalho, em que se podem sustentar os resultados técnicos futuros;

⁵⁹ idem, ibidem, p. 99.

⁶⁰ idem, ibidem, p.100.

- escolher os elementos para desenvolver-se seus aspectos básicos de habilidades que apotem para a etapa posterior que é a de desenvolvimento do treinamento.

Se levados em consideração estes pontos ressaltados por Incarbone, estar-se-á a desenvolver um trabalho que, longe de ser especialização precoce, estará a proporcionar um desenvolvimento harmônico e global para as crianças que buscam sua iniciação esportiva, carregada de sonhos e desejos inocentes, portanto, nunca enganadas ou iludidas.

Mas, depois de todas estas informações e preocupações, uma pergunta paira sobre o texto: Qual a idade ideal para se iniciar no mundo esportivo? E em qual esporte pode-se iniciar com certa precocidade?

Como respostas a estas perguntas tem-se vários pontos a serem levantados e que devem ser trazidos para uma discussão.

E são as oportunas palavras de Azemar que prefaciarão esta discussão:

“Certas capacidades humanas só se manifestam quando provocadas na época oportuna e em condições adequadas”⁶¹

Dando seqüência ao estudos encontramos na obra de Paes, a idéias de vários autores que refletem sobre a iniciação esportiva com profundidade.⁶²

Rosadas contribui ao nosso estudo, através de uma análise psicológica dos efeitos da especialização precoce e da iniciação esportiva, relacionando a atividade física como instrumento educativo.

⁶¹ Azemar é o prefaciador do livro de Jack LEGUET, op. cit., 1987.

⁶² PAES, R. R. “Aprendizagem e competição precoce”, 1992.

O autor nos remete a pensar que, a aprendizagem não deve dificultar o movimento do educando em busca de novas áreas de seu espaço de vida (entendido como, uma espécie de lugar comum de todos os estímulos externos e internos, capazes de suscitar alguma reação do indivíduo, para o qual ele tem uma realidade subjetiva, ou seja, um espaço gerado em torno do eu), pois educar é permitir alongamento de espaços de vida cada vez mais fisicamente estruturados.

Para Rosadas, a atividade pode ter dois objetivos: performance e educação. A experiência motriz por si só não educa, apenas treina, acresce a complexidade do espaço de vida, mas não enriquece, nem desenvolve. Isto pode ser real para o atleta, mas é ameaçadoramente verdadeiro para a condição de qualquer educando comum.⁶³

Através desta análise podemos entender que a função da educação é de enriquecer e desenvolver o espaço de vida do educando.

Para o autor acima citado, a ação do educador não deverá ser no aspecto técnico de ensino e sim proporcionar ao educando a possibilidade de se relacionar com um novo meio, tendo como fim deste processo a preparação de movimentos que virão a ser úteis em quaisquer atividades, no desenvolvimento de sua segurança e de incentivo à criatividade.

Portanto, a prática esportiva educacional só valerá a partir de quando oferecer ao eu a possibilidade de um novo espaço de movimento livre, integrando ao seu espaço de vida.

Pode-se dizer que o treinamento só se acentuará na formação de uma criança, a partir do momento que existir uma base. Sendo para Rosadas, todo

⁶³ Rosadas.R. B. apud PAES, p. 26, 1992.

treinamento realizado com crianças antes da terceira idade, prejudicial à sua formação.

Com base no esporte de Portugal, Teotônio Lima, detecta os mesmos problemas, apontados por outros autores, mas diz que não são por estes motivos que o esporte para os jovens (crianças) não deva ser levado a sério. Segundo ele, a atividade desportiva para crianças é desenvolvida com seriedade, quando se tomam como objetivos o prazer pela prática e a atividade educativa como um fim de desenvolvimento integral da criança.

Seguindo o seu raciocínio, ele nos mostra que é na idade de 13 a 15 anos que a competição deve ser introduzida de forma mais intensa, ou seja, a preparação, agora, deve se caracterizar como uma orientação desportiva mais sistematizada, em que o treino seja um processo pedagógico de desenvolvimento e em que as competições sejam desenvolvidas sem a sua carga negativa.⁶⁴

Segundo Lima, um modelo ideal de trabalho com iniciantes devem ter características próprias nas diferentes etapas de desenvolvimento, que somadas, constituem-se em uma base sólida para uma posteriori especialização. Ele acredita que são em um número de três, as etapas que antecedem a especialização em qualquer esporte, sendo:

- 1ª etapa - idade de 06 a 09 anos: o objetivo é promover o desenvolvimento das capacidades coordenativas utilizando formas jogadas;
- 2ª etapa - idade de 09 a 13 anos: os objetivos são:

⁶⁴ Teotônio Lima, apud PAES, p. 29, 1992.

- a) aprendizagem das técnicas de base da modalidade escolhida;
 - b) prática de outra modalidade esportiva;
 - c) exercícios especiais para o desenvolvimento das capacidades que influem na dinâmica da técnica;
 - d) início da atividade competitiva;
- 3ª etapa - idade de 13 a 17 anos: os objetivos são:
 - A) aperfeiçoamento e estabilização das técnicas;
 - B) continuação do desenvolvimento das capacidades motoras e aumento progressivo da carga;
 - C) atividade competitiva regular.

Portanto, para o autor não existe problema no treinamento com crianças e jovens, desde que haja um respeito pela fases que compõem um treinamento. Lima diferencia este treinamento. Para ele:

“Os treinamentos com crianças e jovens não devem ser confundidos com treinamento de alta competição e, sim, como um caminho que poderá conduzi-los a ela, evidentemente respeitando todas as fases do desenvolvimento, crescimento, e da formação do educando.”⁶⁵

Lenamar Fiorese, contribui afirmando ser entre as idades de 06 aos 12 anos o período ideal para se adquirir habilidades corporais. Portanto, as

⁶⁵ *idem*, *ibidem* p. 33.

atividades devem ter um caráter global de formação objetivando aumentar um manancial motor e devem ser propostas de forma livre e como jogo.⁶⁶

Já Nahas cita as linhas características do processo evolutivo:⁶⁷

1- etapa de educação do movimento:

Fase I - 0 a 4 anos

Fase II - 4 a 8 anos

Fase III - 9 a 10 anos

2 - etapa da especialização esportiva generalizada:

10/11 - 14/15 anos

3 - etapa da iniciação desportiva especializada:

14/15 - 18/19 anos

Através destas características, Markus Nahas diz que a iniciação da criança na prática desportiva deve seguir uma progressão pedagógica, lógica e natural, através de atividades livres e de caráter natural, sem a existência da competição propriamente dita.

Já Pini e Carazzato ao procurarem determinar qual a idade ideal para se iniciar uma atividade esportiva, dizem:

“A dificuldade mais evidente ou, pelo menos, a maior preocupação na determinação desta idade reside no fato de que ela deve corresponder a uma boa adaptação orgânica da criança, como resposta às exigências impostas pelo esforço físico, sem provocar o aparecimento

⁶⁶ Lenamar Fiorese, apud PAES, p. 34, 1992.

⁶⁷ Markus Vinícius NAHAS, apud Paes, p. 39, 1992.

de perturbações do desenvolvimento, que possam ocasionar danos ao indivíduo.”⁶⁸

Pini e Carazzato mostram que o desenvolvimento fisiológico do organismo, basicamente se divide nestas fases⁶⁹:

- fase pré-escolar (2 a 7 anos) - nesta fase o crescimento em peso e altura decorre de maneira lenta e paralelamente, enquanto a psicomotricidade apresenta visível evolução, permitindo à criança participar e progredir rapidamente em todas as atividades físicas naturais, como andar, correr, saltar. Ela aprende também a cuidar-se, é rebelde, egoísta e pouco sociável.

- fase escolar (de 7 à 12 anos para os meninos e de 7 a 10 anos para as meninas) - o crescimento em geral continua lento, com ligeiro aumento da massa muscular. Quanto ao psiquismo, há uma evolução natural deixando a criança mais disciplinada, sociável e responsável.

- fase pré-puberal (12 a 14 para os meninos, 10 a 12 para as meninas) - temos um rápido crescimento em altura e peso, um maior acúmulo de tecido adiposo, principalmente nas meninas. Enquanto ao psiquismo sofre alterações que gerarão conflitos emocionais.

- fase puberal (14 a 16 para os meninos, 12 a 14 para as meninas) - há um rápido aumento em altura, com maior desenvolvimento do aparelho locomotor

⁶⁸ M. C. PINI, J. G. CARAZZATO, “Idade de início da atividade esportiva” p. 251, (xerox)

⁶⁹ idem, ibidem, p. 259.

e aumento da força muscular. A psicomotricidade atinge níveis máximos, os órgãos sexuais atingem sua maturidade e se acentua os conflitos emocionais.

- fase pós-puberal (depois dos 16 anos para os moços e a partir dos 14 para as moças) - o crescimento começa a se estabilizar o mesmo acontecendo com os conflitos emocionais, onde muitos já foram resolvidos.

Uma iniciação geral deve ocorrer nas fase pré-escolar e escolar, onde se deve ter por objetivo construir um substrato orgânico que possibilite, no futuro, a aplicação, em bases fisiológicas, de fases de iniciação mais especializada, como a aprendizagem de uma atividade ou modalidade esportiva, por exemplo a iniciação em uma escolinha de futebol.

Já uma especialização, propriamente dita, deve ocorrer numa fase posterior a escolar, basicamente aos 14 anos, mas isto vai depender do estágio de desenvolvimento físico e maturar puberal do indivíduo em questão. E esta especialização deve ocorrer de forma seqüencial e gradual para que o indivíduo não venha sofrer os prejuízos que uma especialização precoce venha a trazer.⁷⁰

Basicamente pode-se dizer que a atividade esportiva deve estar presente em todos os momentos da vida, desde a infância até a velhice. Mas, sempre se atentando para as fases de desenvolvimento, não querendo criar recordistas infantis, mais sim preparar seu organismo, através de um bom substrato físico e psíquico, para uma possível especialização esportiva no futuro.

Deve-se dar uma atenção maior, em procurar desenvolver o “espírito esportivo” nas crianças, por meio de muitas vivências esportivas, e nunca

⁷⁰ idem, ibidem, p. 260.

incentivá-los a realizarem esforços acima de suas possibilidades físicas e psíquicas.⁷¹

Alguns outros autores (como Guedda, 1960)⁷² determinam que atividades caracterizadas mais pela destreza (ginástica Artística, esgrima...) permitem uma iniciação mais precoce e uma especialização por volta dos 14/15 anos, outras com características mais de resistência (algumas provas do atletismo, lutas...), devem ser iniciadas mais tardiamente, e sua especialização deve se dar por volta dos 17 e 18 anos.

Já Incarbone diz que existem relações entre crescimento e maturação do sistema nervoso que podem influenciar uma pedagogia de esporte, ou seja, dependendo do estímulo uma resposta é alcançada, se este estímulo não estiver de acordo com o grau de maturação e crescimento da criança esta resposta pode ser negativa, somente trazendo prejuízos, senão imediatos a posteriore.⁷³

O Dr. Martin preocupado com a idade ideal para a iniciação esportiva, procurou relacionar as características físico-técnicas do esporte a idades determinadas. Para isto, elaborou um quadro relacionando à idade em que deve se trabalhar com maior intensidade as capacidades físicas e psicomotoras.⁷⁴

⁷¹ idem, ibidem

⁷² Gueda (1960), apud PINI e CARAZZATO, (xerox) se baseando em dados estatísticos mais complexos, procurou objetivar a idade de início da atividade competitiva, a duração do período competitivo e o aparecimento de eventuais doenças atribuíveis à prática esportiva em campeões olímpicos e mundiais, dentre 220 atletas italianos de ambos os sexos e pertencentes a algumas modalidades esportivas, tais como: a marcha, a corrida, a ginástica olímpica, a esgrima e alguns "esportes pesados", como: lutas, pugilismo, levantamento de peso.

⁷³ INCARBONE op. cit., 1990.

⁷⁴ Martin apud INCARBONE, p. 101, 1990.

		05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15
Físicas	Capac Resistência	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
									X	X	X	X
	Força					X	X	X	X	X	X	X
									X	X	X	X
	Velocidade		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Psico motor.	Cap. aprendizag. motora			X	X	X	X	X			X	
						X	X					
	Direcionalidade		X	X	X	X	X	X				
							X	X				
	Cap. reação acústico/visual			X	X	X	X					
Psico motor.	Orientação espacial			X	X	X	X	X	X	X	X	
									X	X	X	
	Ritmo		X	X	X	X	X	X	X			
						X	X					
	Sentido de equilíbrio					X	X	X	X			

Neste quadro as cruzeis indicam a idade de início para a aprendizagem de determinadas capacidades, momento em que os docentes implementarão seu processo metodológico. Na idade onde se colocou duas cruzeis, está indicando o momento de maior treinabilidade, onde a criança evoluirá em maior magnitude a capacidade referida.⁷⁵

Como se vê muitos autores escrevem sobre o início da iniciação esportiva, alguns se completam outros divergem em alguns pontos, mas em suas essências todos se preocupam em determinar as fases do desenvolvimento,

⁷⁵ idem, ibidem, p. 101

bem como ter uma visão de esporte, onde este se mostra como um meio educativo. Talvez, determinar uma idade ideal para se iniciar a criança em uma atividade esportiva não seja tão importante quanto conseguir desenvolver nela o gosto pelo esporte, para que de uma maneira paulatina e seqüencial a criança possa evoluir progressivamente no esporte.

Portanto, como conclusão das idéias faz-se deste pesquisador as palavras de Incarbone:

“...desde um ponto de vista educativo este processo de iniciação não deve entender-se como o momento em que começa a prática desportiva senão como a ação pedagógica que tendo como centro de ação o menino irá evoluindo até o domínio do esporte ou a especialidade que se busque.”⁷⁶

⁷⁶ idem, *ibidem* p. 101.

2.3. - As escolas de esportes e a competição

O mal do esporte é analisá-lo somente sobre a ótica capitalista, que o fundamenta na competição, ou seja, na medição da objetividade quantitativa, legando ao esporte apenas o seu valor medido pelo resultado alcançado.⁷⁷

Albert Einstein tece considerações interessantes sobre a competição:

“Os excessos do sistema de competição e de especialização prematura, sob o falcioso pretexto de eficácia, assassinam o espírito, impossibilitam qualquer vida cultural.”⁷⁸

Esta competição exacerbada leva o treinador a impor ao esportista a procurar se desenvolver ao máximo num grupo de técnicas de um esporte em particular, que o leva a uma extrema especialização. E quando isto acontece, e é introduzida nas escolas de esportes, temos a especialização precoce sendo difundida de forma indiscriminada e seletiva.

Mas, também é totalmente contrário a definição de esporte, querer assumi-lo sem a competição.

Contudo, segundo Betti, introduzir as crianças à iniciação na competição, não significa para as escolas de esportes a missão de produzir atletas, que assegurem o prestígio esportivo nacional. Mesmo porque devemos entender a competição como um conteúdo da modalidade esportiva, qualquer que seja em questão, e não como um fim em si mesma.⁷⁹

⁷⁷ Mauro BETTI, “Educação e sociedade”, 1991.

⁷⁸ Albert EINSTEIN, “Como vejo o mundo”, 1992.

⁷⁹ idem, ibidem, p. 54.

Complementando os pensamentos de Betti, tem-se Belbenoit que diz que a competição também apresenta virtudes educativas, que não devem ser esquecidas.⁸⁰

Já, para Manuel Sérgio, promover a competição é nada mais nada menos, que proporcionar a oportunidade de encaminhar o aluno a superação, num movimento que conduz à paz consigo mesmo e com os outros.⁸¹

Seurin procura analisar a competição como sendo um fenômeno social educativo. Para isto destaca alguns fatores que lhes são essenciais, evidenciando quatro ângulos de análise.⁸²

No primeiro ângulo de análise da competição, Seurin analisa-a como sendo excessivamente seletiva, buscando sempre a exaltação do melhor.

No segundo ele diz: *“Mas existe também competição concebida essencialmente com finalidades de educação e de recreação...”*⁸³. Vê-se então as regras serem adaptadas ou mesmo criadas pelos educadores, a fim de uma melhor assimilação dos objetivos fixados.

No terceiro ângulo, procura mostrar que o homem é um “ser desportivo” por excelência, onde através de impulsos para se alcançar sempre o melhor rendimento, procura se desenvolver para sempre estar se superando, e não que isto represente somente a preocupação em vencer o adversário, mas vencendo a si mesmo.

No quarto ângulo de visão, preocupa-se em afirmar que muitas vezes estes impulsos são variáveis e podem possibilitar a ação educativa.

⁸⁰ BELBENOIT apud Betti, p. 54, 1991.

⁸¹ Manuel SÉRGIO, “Para um desporto do futuro”, p. 8, 1985.

⁸² SEURIN, P, “A competição desportiva e a educação do adolescente”, 1984.

⁸³ idem, ibidem, p. 44.

Como se vê a competição será aquilo que se quiser fazer dela, desde uma desculpa para a especialização precoce até uma possibilidade de levar o aluno a superar-se. E todo este cabidel de possibilidades está nas mão do professor, aumentando então, em muito sua responsabilidade.

Dando seqüência, Lima sublinha que o ideal se alcança através de um clima pedagógico entre o professor/treinador e o aluno/atleta, transformando assim a competição.⁸⁴

Pois se faz necessário que a competição não seja vista sempre contra alguém, mas sim contra o próprio aluno, que deve buscar se superar a cada prova.

Portanto, as escolas de esportes, na figura do professor com sua pedagogia, deve possibilitar ao aluno uma práxis, que implica na ação e reflexão do homem sobre o mundo para transformá-lo. Pois, segundo Maüler:

*"... o educando que não problematiza a existência para superá-la será sempre objeto e nunca sujeito da sua própria história."*⁸⁵

Com isso os alunos se tornarão um tanto mais desafiados, quando mais se verem obrigados a responder a um novo desafio. E o professor deve estimular o educando para que este perceba e sinta que o maior desafio é poder competir com ele mesmo, estabelecendo e vencendo os seus próprios desafios e limites. Para ele o competir não terá mais a ver com quem ganha, mais sim se ele vence a si próprio.

⁸⁴ Lima apud SÉRGIO, p. 12, 1985.

⁸⁵ I. M. B. MAÜLER, I. M. B. "Competição Cooperativa: um meio para educar", 1985.

As escolas de esportes, portanto, não devem negar a competição, mas sim, fazer dela um conteúdo a ser ensinado aos alunos, tendo uma clara visão dos valores que podem e devem ser transmitidos através do esporte e da competição, mas para isto têm-se que procurar nunca estimular a competição exacerbada, citada a cima, que busca a vitória a qualquer preço, e sim iniciar o aluno ao mundo competitivo ensinando-lhe o “fair play”⁸⁶.

As escolas de esportes que se propõem através de uma ação pedagogia ensinar o esporte, devem proporcionar a competição a todos os seus alunos e não apenas para uma seleta minoria, pois, na escola todos aprendem a aritmética (conteúdo da matemática), nas escolas de esportes todos devem aprender a competir (conteúdo de qualquer esporte).

Mas o que muitas vezes acontece é que só aprendem a competir os alunos que jogam bem.

Nas escolas de esportes a competição deve ter espaço para os menores brilhos, para que todos possam se afirmar no esporte, e não utilizar a competição como meio de seletividade de valores. O educador deve sempre buscar adequar os processos competições, para fomentar o “espírito de cooperação”, atuando na parte afetiva dos jovens, impulsionando-os para a construção de um mundo mais humano e fraterno.

Aos olhos de leigos isto pode parecer uma grande utopia, mas através de ações e ajudas positivas pode-se com certeza transformar, senão todos, pelo menos os novos homens que crescem com o esporte, e como diz a antropologia, os valores adquiridos são culturalmente transmitidos a outras

⁸⁶ “Fair play”: é uma palavra da língua inglesa, muito usada no meio esportivo para designar o “jogo limpo”, ou seja, honesto e justo, que respeita as regras e o adversário a cima de tudo.

gerações, teremos no futuro transformado boa parte da humanidade, que entenderá que o fenômeno esporte não tem o seu fim e meio na busca pela vitória e pela alta performance, mas também apresenta um grande compromisso educacional, moral e social embutido em todo este processo.

Capítulo III

Escolas de Esportes - Um estudo na FEF-UNICAMP com o futebol

Através da experiência desenvolvida na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, com escolinha de futebol, idealizada e estruturada pelo professor João Batista Freire⁸⁷, obtivemos a oportunidade de aprender e desenvolver um novo trabalho com crianças iniciantes na prática do futebol.

Este contato nos possibilitou vivenciar um processo de ensino-aprendizagem que defende a idéia que o trabalho com escolinhas deve ser envolto por uma concepção de pedagogia de esportes. Onde esta concepção tem como função básica proporcionar um desenvolvimento harmonioso e global do aluno, respeitando sempre os seus estágios de crescimento e desenvolvimento, possibilitando um aumento do seu vocabulário motor aliado ao aprendizado dos fundamentos exigidos pelo futebol.

Com isso, o aprendizado técnico do futebol não tem um fim em si mesmo, ou seja, ele contempla, também, todas as outras dimensões abrangidas pelo esporte. Segundo Tubino⁸⁸ o esporte está deixando de perspectivar apenas o rendimento para incorporar um novo paradigma, onde são ressaltados os sentidos educativos e o bem estar social, que sua prática pode proporcionar.

Mas Montagner se preocupa em ressaltar, expondo que o esporte só tem um sentido educativo, quando tem por finalidade passar um conhecimento ao

⁸⁷ João Batista FREIRE, atualmente é coordenador da pós-graduação e docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, é autor de várias publicações dentre as quais podemos destacar dois livros: "Educação de corpo inteiro" e "De corpo e alma". O professor doutor Freire foi o idealizador de uma nova pedagogia de trabalho com iniciação ao futebol, que será detalhado nesta monografia.

⁸⁸ Manuel J. G. TUBINO, "Dimensões sociais do esporte", 1992.

aluno, tanto à nível técnico-esportivo, quanto à valores culturais que o levarão a um desenvolvimento global.⁸⁹

Já Betti nos diz que ao se ensinar qualquer esporte, tem-se a possibilidade de se ensinar uma prática que o aluno a levará para toda a sua vida. Portanto, se ensinado bem, este aprendiz só colherá satisfação e proveito de sua prática esportiva, tanto se este vir a se tornar um especialista, ou apenas um consumidor passivo do esporte, pois aprenderá a assumir uma posição crítica diante do fenômeno esportivo.⁹⁰

Através destas palavras, mostra-se transparente que a preocupação do nosso trabalho não se isola apenas na busca do resultado (performance) e do desenvolvimento físico do aluno, mas sim, de uma forma geral, procura atender todas as necessidades do mesmo, se atentando para o seu desenvolvimento sócio-cultural e também esportivo.

Portanto nossa escolinha de futebol procura trocar o tecnicismo de movimentos estereotipados, que são subordinados a resultados imediatos de performance, para se preocupar com a função pedagógica da ação motora desenvolvida, ou seja, todo o movimento realizado deve ser carregado de sentido/objetivo pedagógico, dentro do desenvolvimento das aulas.

Isto é alcançado mediante atividades prezaras, lúdicas, que se baseiam muitas vezes em jogos de ruas, na própria cultura infantil, para ensinar o futebol e seus fundamentos. Freire acredita que, a ação do professor deva ser notada por um modo de pensar que tenha como referências as condições

⁸⁹ Paulo César MONTAGNER. "Esporte de competição X Educação" o caso do basquetebol. (dissertação de mestrado), 1993.

⁹⁰ Mauro BETTI. "Educação e sociedade", 1991.

concretas do aluno, sua cultura infantil, ou seja, o mundo concreto do aluno deve se relacionar com a atividade simbólica solicitada pelo professor.⁹¹

Portanto, este trabalho tem por objetivo imediato, como quaisquer outras escolinhas de futebol, ensinar as crianças a jogarem futebol, mas a longo prazo fornecemos subsídios para que estas se tornem mais autônomas e críticas, ocasionando uma transformação nas suas vidas, ou seja, através do ensino de um esporte, no nosso caso futebol, tem-se ressaltado e resgatado os valores educativos que serão incorporados a aprendizagem do futebol e seus fundamentos.

Como já discutimos se faz obrigação e portanto, objetivo de nossa escolinha, proporcionar um desenvolvimento global de nossos alunos, ou seja, estar sempre atento aos aspectos sensitivos, cognitivos, afetivos, sociais e motores. Pois, segundo Leguet⁹² a eficácia será consequência dos aspectos:

- Cognitivos - compreender o que faz, tomar consciência, conhecer-se, saber reconhecer as exigências de uma situação, decidir...
- Afetivos - investimento, controle das emoções, evitando a degradação do comportamento, ousar fazer, aceitar os desequilíbrios, mostrar-se...
- Motores - execução, ajustamentos oportunos, fatores suficientes de execução, coordenação e marcação...

Além de proporcionar o aprendizado de uma prática esportiva e se atentar para o desenvolvimento global do aluno, a escolinha tem também como objetivo (missão) desmistificar o trabalho com iniciação desportiva, que muitas vezes é visto como especialização precoce e caça de mini talentos.

⁹¹ João Batista FREIRE. "Educação de corpo inteiro". 1989.

⁹² Jack LEGUET, op. cit. 1987.

Com isso, através de um trabalho atento a todas as possibilidades que o conceito esporte trás consigo, como Capinussú diz, “... *o trabalho com escolinhas é o atestado de óbito do empirismo*”⁹³, logo, as escolinhas sustentadas por profissionais capacitados, e embasados por teorias que o situem no espaço e no tempo, podemos por fim a prática pela prática, abrindo espaço para que trabalhos científicos/acadêmicos, saiam das estantes das bibliotecas, e possam ser absorvidos pela sociedade, transformando o ensino do esporte, futebol, em muito mais que o simples aprendizado de gestos técnicos e estereotipados.

⁹³ J. M. CAPINUSSÚ, “A necessidade da presença do professor de educação física no trabalho das escolinhas”. 1985.

3.1. PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS

A escolinha de futebol da FEF-UNICAMP é regida por princípios pedagógicos que se caracterizam como norteadores de uma prática. O primeiro conjunto de princípios está ligado aos atributos que regem um processo de ensino aprendizagem coerente e adequado, já o segundo conjunto de princípios procurar se ater na determinação das características relevantes de uma metodologia de trabalho e o terceiro conjunto de princípios procurar determinar a importância de levar em conta a bagagem motora que a criança já trás consigo, dando um grande destaque para a utilização da cultura infantil como instrumento para a aprendizagem significativa do futebol.

PRIMEIRO CONJUNTO DE PRINCÍPIOS

- Futebol entendido como processo de ensino aprendizagem para todos, o futebol como meio de ensino e não com o fim de descobrir promessas;

- Competição e disputa vistas como conteúdos de uma ação pedagógica, ou seja, a competição deve ser ensinada, tendo como consequência um alunado que antes de ganhar ou perder, pratica o “fair-play”;

- A não cobrança de resultados e a não preocupação com a formação de equipes, como fator relevante para uma escolinha de futebol;

- Gerar uma organização para que o aluno pegue mais vezes na bola, ou seja tenha muito contato com a bola durante a aula, portanto, evitando-se grandes filas;

- Possibilitar oportunidades para que eles saibam se auto-organizarem, se preciso for até que eles aprendam a votar, para tomadas de decisões democráticas;

- Estimular a construção de regras, ou seja, para que os alunos sejam regidos por suas próprias regras;

SEGUNDO CONJUNTO DE PRINCÍPIOS

- Divisão das turmas para uma adequação etária.

- Divisão das turmas para possibilitar um desenvolvimento harmônico e global das crianças se atentando sempre aos seus aspectos cognitivos, afetivos(sociais), sensitivos e motores.

- As crianças brincam em um nível, depois através de variações mais complexas da brincadeira, estimula-se o aumento da complexidade dos movimentos destas. Por exemplo: a brincadeira do bobinho, inicialmente sem limites de espaço e de toques, depois diminuí-se os toques... delimita-se um espaço...

- Possibilitar que as crianças pensem sua própria ação, pois, pensá-las proporciona a assimilação e desenvolve o seu conhecimento crítico.

- Nunca realizar atividades, que se resumem na prática pela prática, através de conversas e explicações situar o aluno no contexto em que a atividade é executada. O aluno inserido neste processo compreende o seu fazer, atuando como um agente criador e transformador de seu conhecimento.

TERCEIRO CONJUNTO DE PRINCÍPIOS

- Resgatar a cultura infantil, adaptando brincadeiras infantis adequando-as a aprendizagem do futebol. Para isto foi-se elaborado uma pesquisa com as crianças, assim, através das suas brincadeiras elas aprenderão o futebol;

- Liberdade no transcorrer do processo de ensino-aprendizagem do futebol, mas esta acaba no momento que começa a adentrar-se na liberdade dos outros alunos e traz prejuízos à aula;

- Planejar a aula levando em conta o que a criança traz consigo, suas características, sua bagagem motora e cultural;

- Aproveitar o conhecimento do aluno, este deve aprender, avançar, a partir do que já sabe.

Não podemos deixar de destacar a importância de uma boa relação professor aluno para o desenvolvimento de todos estes princípios. Pois o educador deve proporcionar ao aluno o aprendizado de um conhecimento que, segundo Snyders, traduz-se na busca da alegria. Para que esta relação proporcione alegria, é necessário que seja vivida com gravidade e profundidade, pois o professor não se encontra à parte, sentado em sua nuvem; ele revive os sentimentos e as aspirações dos alunos como se fossem as dele.⁹⁴

⁹⁴ Georges SNYDERS, "Alunos felizes", p. 87, 1993.

3.2. METODOLOGIA DA AÇÃO PRÁTICA

Basicamente para o fluir do nosso processo de ensino, faz-se muito importante o uso de uma metodologia adequada, onde a comunicação deve ser um de seus pontos relevantes, pois, é necessário se utilizar de uma linguagem própria das diferentes faixas etárias.

Todas as aulas são tematizadas, ou seja, cada unidade de ensino tem um tema, que pode ser, por exemplo: passe, drible, cobrança de falta, zagueiros ... Estes temas são escolhidos e organizados por meio de uma planilha de organização dos fundamentos e habilidades para o futebol, que será discutida mais à frente.

O desenvolvimento da aula se dá através da sua divisão em 5 partes:

- I. Conversa inicial;
- II. Exploração do tema;
- III. Exploração diretiva do tema;
- IV. Jogo, síntese do tema;
- V. Conversa final.

A aula sempre se inicia e termina com uma conversa, onde no começo estimula-se o aluno a recordar o tema e as atividades da aula anterior, para depois explicar o tema da aula atual, possibilitando que o aluno perceba e se conscientize da sequência de seu aprendizado. A conversa final gira em torno dos acontecimentos da aula, desenvolvimento das brincadeiras e possíveis problemas que podem surgir no transcorrer da mesma, como por exemplo uma

briga, uma falta, etc... Mas nada impede que no meio da aula, frente a um problema ou dúvida, o professor reúna os alunos para uma melhor explicação.

A exploração do tema é o momento onde o aluno tem a oportunidade de descoberta, de criação em cima da temática da aula, ou seja, através de uma atividade lúdica, uma brincadeira adaptada, a criança usa de seu repertório motor para aprender, desenvolver, criar, descobrir um novo movimento que será utilizado na prática do futebol.

Já a exploração do tema com diretividade, se contempla na situação de aula, onde o professor tem a preocupação de corrigir um possível gesto técnico, mas sempre se atentando para a faixa etária na qual o aluno se encontra, pois, é uma incoerência exigir a execução de um gesto técnico de uma criança de 7 anos, mas é uma necessidade em uma de 14 anos. Portanto, a diretividade do tema é colocada em uma sequência e graduação que se alia ao desenvolvimento do aluno, contrariando o conceito de especialização precoce, e preparando-o para que ao final de seus estudos na escolinha de futebol este possa vir a se especializar.

O jogo é o momento onde o aluno se utiliza do que foi aprendido na aula, aplicando-o numa situação real de prática de futebol. Portanto, o jogo se constitui numa situação de síntese do tema e por consequência avaliação da aula.

Como se pode notar, todo o desenvolvimento da aula gira em torno de um tema, onde este é determinado segundo uma sistematização do conteúdo futebol adequada para os diferentes grupos etários.

Esta sistematização dos conteúdos do futebol se estrutura em três partes:

1. Fundamentos básicos;
2. Fundamentos derivados;
3. Fundamentos específicos.

Os fundamentos básicos são aqueles principais para a prática do futebol, pois, com um bom domínio destes, uma base sólida é construída para alicerçar todo um aprendizado posterior:

- Passe;
- Domínio de bola;
- Condução;
- Drible;
- Chute;
- Cabeceio;
- Desarme;

Os fundamentos derivados são, como o próprio nome diz, provenientes dos fundamentos básicos, ou seja, faz-se necessário conhecer o primeiro para se ter um bom aprendizado e desenvolvimento do segundo, por exemplo, o lançamento se caracteriza como um passe longo, portanto, primeiro tem-se que dominar o fundamento passe, para depois se ter um eficiente lançamento:

- Cruzamento;
- Cobrança de falta;
- Cobrança de pênalti;
- Lançamento;
- Tabelinhas;

- Arremesso lateral;
- Escanteio.

Os fundamentos específicos, nada mais são que as posições táticas do jogadores, suas funções e características próprias que as distinguem ⁹⁵ :

- Goleiro;
- Laterais;
- Alas;
- Zagueiros;
- Líberos;
- Médio volantes;
- Meio campistas;
- Atacantes.

Estes fundamentos são divididos e organizados em uma sequência pedagógica, atenta as idades, como vemos a seguir:

⁹⁵ Para aqueles que são leigos as posições táticas dos jogadores do futebol, deve-se entender que : o GOLEIRO é aquele que atua dentro de uma área demarcada do campo, onde através do uso de todo o seu corpo, inclusive as mãos, tem por função impedir que a bola entre no gol; os LATERAIS são os jogadores defensivos que jogam pelas laterais do campo; os ALAS atuam na mesma posição que os laterais, só se diferem pelas características ofensivas que assumem no decorrer do jogo; ZAGUEIROS são os jogadores defensivos que se posicionam mais ao centro da retaguarda; o LÍBERO é o jogador que na maioria das vezes se posiciona como o último homem defensivo, mas que em determinados momentos do jogo aparece como um elemento surpresa no ataque; MÉDIO VOLANTE é o jogador que atua no meio campo e que tem por função desarmar as jogadas do time adversário bem como cobrir as descidas dos alas ou laterais; os MEIO-CAMPISTAS são os jogadores que têm por função armar as jogadas ofensivas do time, mas atualmente também atuam ajudando na marcação; os ATACANTES são aqueles que tem objetivo marcar os gols pois jogam no ataque tendo apenas características ofensivas; os PONTEIROS são atacantes que atuam pelas pontas, sendo portanto uma de suas funções cruzar a bola na área para os centro-avantes (atacantes centrais).

7/8
Anos

Fundamentos Básicos

9/10
Anos

11/12
Anos

Fundamentos Derivados

13/14
Anos

Fundamentos Específicos

Como vemos os fundamentos básicos começam a ser trabalhados aos 7 anos, mas seu aprendizado não tem um fim em si mesmo, ou seja, os fundamentos são meios para a aquisição e ampliação do vocabulário motor das crianças.

Já aos 9/10 anos estes fundamentos básicos começam a tomar características de fim, com isso uma ênfase maior é dada para a correção do gesto técnico, o que não se ocorria em idades menores.

É aos 11/12 anos com uma base sólida construída e uma bagagem motora desenvolvida, que a preocupação se volta para o aprimoramento e desenvolvimento dos fundamentos derivados.

Aos 13/14 anos o aluno tem a oportunidade de colocar em prática, dentro do contexto das posições táticas do jogo, tudo o que ele aprendeu até o momento, ou seja, é o momento de se conscientizar o aluno que, por exemplo, o lateral deve cumprir determinadas funções durante o jogo, onde lhe são mais exigidos os seguintes fundamentos básicos e derivados.

Portanto, após os 14 anos, depois de se ter acumulado todo este conhecimento, o aluno tem a possibilidade de buscar uma especialização no futebol, ou usá-lo de modo salutar durante o resto de sua vida.

Capítulo 4

Da teoria para a prática:

Uma proposta de trabalho para escolinhas de futebol

4.1. Da Teoria para a Prática

Atualmente é grande a discussão que se faz em torno da dicotomia teoria/prática. Têm-se na maioria das vezes uma prática pela prática, ou seja, esta desprovida de uma teoria que a suporte e lhe de pressupostos científicos para a sua existência. Ou uma teoria sem uma prática que a realize, que faça esta deixar de ser um discurso vazio desvinculado da realidade concreta.

Marcellino, à este respeito, nos diz:

“...entendemos Teoria como conjunto de conhecimento, não ingênuo, que apresentam graus diversos de sistematização e credibilidade, e que se propõem explicar, elucidar, interpretar e unificar um dado domínio de problemas que se oferecem à atividade prática; e Prática como saber provindo da experiência, e ao mesmo tempo aplicação da teoria ...”⁹⁶

Faz-se necessário, portanto, a construção de uma ponte que una a teoria com a prática, para que uma suporte a outra, emergindo uma consciência na

⁹⁶ Nelson Carvalho MARCELLINO, “A dicotomia Teoria/prática na Educação Física”, Anais da III Semana de estudos - Departamento de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu - São Paulo - SP, 1995.

ação. Esta ação passa a ser impregnada de sentidos, carregada de significados, um movimento intencionalizado, uma práxis⁹⁷.

Esta práxis, segundo Lefebvre, no seu mais alto grau (criador, revolucionário) inclui a teoria que ela vivifica e verifica.⁹⁸

⁹⁷ Práxis palavra oriundo da teoria marxista, onde, para Bottomoret em seu dicionário do pensamento Marxista, diz que a expressão práxis refere-se, em geral, a ação, a atividade, e, no sentido que lhe atribui Marx, à atividade livre, universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo, onde esta práxis o faz ser diferente de todos os outros seres. ("Dicionário do Pensamento Marxista", Rio de Janeiro: Zahar, p. 292, 1988).

⁹⁸ Lefebvre apud MARCELLINO, 1995.

4.2. Proposta de trabalho

Portanto, balizados por esta breve introdução, pretende-se neste capítulo construir uma prática que, baseada nos demais capítulos teóricos anteriores, principalmente no terceiro, possa se constituir uma pedagogia para a iniciação no futebol.

Fez-se opção em propor um trabalho com o futebol devido ao pesquisador estar fortemente inserido neste contexto.

Mas, não obstante, esta proposta pedagógica pode ser utilizada por quaisquer outras modalidades esportivas, desde que se faça as devidas adaptações, segundo as especificidades da modalidade.

Inicialmente podemos destacar os fundamentos do futebol, ou seja, as habilidades necessárias para se jogar. Fundamentos estes que lhe atribui características próprias que irão diferenciá-lo dos demais esportes.

Os fundamentos do futebol, hierarquizados, são:

- FINALIZAÇÃO;
- PASSE;
- CONTROLE DE BOLA;
- CONDUÇÃO DE BOLA;
- DESARME;
- DRIBLE;
- LANÇAMENTO;
- CRUZAMENTO;

- CABECEIO;
- GOLEIRO.

A finalização pode ser entendida como um chute que tem por objetivo acertar o gol, ou por qualquer ação que apresente intencionalidade de fazer o gol, sendo este o objetivo mais importante do jogo.

O passe se caracteriza pela troca de bola entre os jogadores, ou seja, ou toque de bola para outro jogador. O passe pode ser realizados com várias partes do corpo⁹⁹, como por exemplo: o passe de cabeça, de peito, de calcanhar etc...

Controle de bola deve ser entendido como a habilidade de dominar a bola advinda de um passe e de manejá-la com as diferentes partes do corpo, como por exemplo: usando os pés, as coxas, o peito e a cabeça...

A condução de bola se caracteriza pela habilidade de se conduzir a bola o mais próximo possível dos pés com certa velocidade.

Já o desarme se constitui em uma ação de tirar a bola, desarmar o jogador adversário sem se cometer uma infração, falta.

O drible é a habilidade que une controle de corpo com controle de bola, pois, ele se constituem exclusivamente de paradas bruscas, mudanças de direção e saídas rápidas, sendo que todas estas ações são realizadas com a bola.

O lançamento se caracteriza como sendo um passe mais longo, acrescido de características próprias dentro do contexto do jogo.

⁹⁹ O GOLEIRO pode passar a bola com as mãos e com os pés, já os JOGADORES não podem usar as mãos

O mesmo acontece com o cruzamento que pode ser entendido como um lançamento advindo das laterais do campo, mais especificamente das pontas, que tem por objetivo fazer a bola chegar a um jogador que, se encontra a maioria das vezes dentro da área, para que este finalize a jogada.

O cabeceio é a habilidade de se usar a cabeça, em substituição de qualquer outra parte do corpo, principalmente os pés, para se efetuar uma jogada, sendo que esta pode ser uma finalização, um passe, etc...

Coloca-se o goleiro¹⁰⁰, que é uma posição especial do jogo, dentro dos seus fundamentos porque necessita de habilidades próprias as demais.

Aprofundando-se no estudo do futebol, nota-se que se pode dissecá-lo ainda mais, destacando as habilidades motoras¹⁰¹ ou psicomotoras e as capacidades que mais se destacam e aparecem evidenciadas no jogo.¹⁰²

Então, são elas:

- Noção de espaço;
- Equilíbrio;
- Noção de tempo;
- Motricidade fina, ou coordenação motora fina;
- Velocidade de reação;
- Força de chute;

¹⁰⁰ Goleiro é um jogador indispensável que, com características próprias dentro do jogo, se difere dos demais jogadores. Seu objetivo dentro do jogo é impedir que a bola entre dentro do gol (retângulo de 7,32 x 2,44 metros), para isto pode se utilizar de todo o corpo, inclusive as mãos. O goleiro se difere dos demais jogadores até no uniforme, pois a sua camisa é de mangas longas e de cores diferentes dos jogadores do seu time, time adversário e do juiz.

¹⁰¹ Habilidades motoras, segundo Tani (1988) devem ser entendidas como atos ou tarefas que requerem movimentos, e que devem ser aprendidos para serem executados corretamente.

¹⁰² este estudo está sendo realizado na ESCOLA SUPERIOR DE FUTEBOL EUROAMÉRICA, sob a supervisão e coordenação do Prof. João Batista FREIRE, por um grupo de professores, onde, este pesquisador é elemento integrante, para o fim de se elaborar um manual pedagógico para se ensinar o futebol.

- Agilidade;
- Noção do corpo, ou consciência corporal;
- Força muscular;
- Impulsão vertical.

Agora, pode-se analisar quais são as habilidades e capacidades mais exigidas por cada fundamento do futebol. De forma mais específica, são na:

♦ FINALIZAÇÃO

- Força de chute;
- Equilíbrio;
- Noção de espaço;
- Noção de tempo;

♦ PASSE

- Direcionalidade;
- Motricidade fina;
- Equilíbrio;
- Noção de tempo;
- Noção de espaço;

♦ CONTROLE DE BOLA

- Motricidade fina;
- Equilíbrio;

♦ CONDUÇÃO DE BOLA

- Motricidade fina;
- Equilíbrio;
- Agilidade (equilíbrio em velocidade);
- Velocidade de aceleração;
- Noção de espaço;

♦ DESARME

- Força muscular;
- Velocidade de reação;
- Noção de espaço;
- Noção de tempo;
- Equilíbrio;
- Agilidade;

♦ DRIBLE

- Agilidade;
- Equilíbrio;
- Noção do próprio corpo;
- Velocidade de reação;
- Noção de espaço;
- Motricidade fina;

♦ LANÇAMENTO

- Noção de espaço;
- Noção de tempo;
- Equilíbrio;
- Motricidade fina;
- Força de chute;

♦ CRUZAMENTO

- Força de chute;
- Noção de espaço;
- Noção de tempo;
- Equilíbrio;
- Motricidade fina;

♦ CABECEIO

- Impulsão vertical
- Noção do próprio corpo;
- Noção de espaço;
- Noção de tempo;

♦ GOLEIRO

- Velocidade de reação;
- Agilidade;
- Noção de espaço;
- Noção de tempo;

- Impulsão vertical;
- Impulsão horizontal;
- Força de chute;
- Motricidade fina;
- Noção do próprio corpo;
- Força muscular.

A partir de todo este estudo pode-se elaborar um planejamento e uma organização de trabalho, que condiz a uma metodologia própria.

4.3. Organização do trabalho

Para uma melhor compreensão do trabalho, propõe-se a elaboração de uma planilha que sistematize e organize o processo de aprendizagem do futebol, seus fundamentos e suas devidas habilidades e capacidades motoras, de acordo com as faixas etárias.

Serão quatro os grupos etários neste trabalho evidenciados, 7 e 8 anos, 9 e 10 anos, 11 e 12 anos, 13 e 14 anos, pois, segundo os autores citados no segundo capítulo desta monografia e principalmente Paes, por volta da idade de 14 anos já se faz possível buscar uma especialização físico-técnica nesta modalidade, sem trazer maiores agravantes.

Portanto, este trabalho proposto visa atender as várias manifestações do esporte citadas por Tubino, no primeiro capítulo, o esporte participação, o esporte educação, e o esporte performance.

Esporte participação porque possibilita a aprendizagem do futebol para todos, em todos os níveis; esporte educação pois acredita, e possibilita a transmissão de valores educativos através do futebol; esporte performance porque ao final do processo de ensino-aprendizagem, onde o aluno adquire uma grande bagagem motora além de técnica, tem a possibilidade de buscar uma especialização que o levará ao encalço do alto rendimento, pois não se pode negar esta oportunidade aos que se sobressaem, os talentosos.

Através desta adequação etária procurou-se também possibilitar um desenvolvimento mais harmônico entre as idades, por exemplo, uma criança de 5 ou 6 anos fazendo aula de futebol junto de uma de 8 anos trará prejuízos tanto para ela quanto para a criança mais velha, pois, elas se encontram em estágios de desenvolvimento diferentes, tanto a níveis motores quanto a

cognitivos, como nos evidenciou parte do segundo capítulo. Portanto, crianças que se encontram em mesmos estágios de desenvolvimento possibilitam uma aprendizagem mais harmônica sem grandes contrastes, que poderiam retardar o processo de ensino do futebol. Não se está querendo com este discurso, dizer que as turmas devem ser homogêneas, mas sim que suas heterogeneidades não sejam tão destoantes, a ponto de, em vez do mais desenvolvido puxar o desenvolvimento do menos, este menos venha a prejudicar e retardar o desenvolvimento do mais.

Outro fator relevante neste trabalho se mostra no tocante a sua metodologia, que tem a constante preocupação com o jogo propriamente dito, pois, só se aprende a jogar futebol jogando, ou seja, os fundamentos do jogo são ensinados mas nunca descontextualizados do jogo. Não adianta a criança ficar um craque em passar, em driblar, em cabecear, se esta não souber utilizá-los durante o jogo.

Para que se possibilite a devida atenção ao jogo as aulas são divididas em três partes, onde a primeira é destinada a exploração lúdica do tema e sua contextualização dentro do jogo; a segunda é destinada a correção e aperfeiçoamento técnico dos temas (fundamentos); a terceira parte é destinada a contextualização destes temas no jogo, e esta deve ser a parte com maior duração.

Portanto, seguindo a sequência metodológica de trabalho e os princípios pedagógicos evidenciados no do terceiro capítulo, um planejamento de trabalho, para as faixa etária de 7 a 14 anos, foi elaborado.

Planejamento de trabalho: Faixa etária de 7 e 8 anos

Unidades de ensino	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Noção de espaço	X									X
Equilíbrio	X	X								
Noção de Tempo		X	X							
Motricidade fina			X	X						
Velocidade de reação				X	X					
Força de chute					X	X				
Agilidade						X	X			
Noção de corpo							X	X		
Força muscular								X	X	
Impulsão vertical									X	X
Finalização	X						X			
Passe		X						X		
Controle de bola			X						X	
Condução de bola				X						X
Desarme					X					
Drible						X				

Como se pode notar, nesta faixa etária, a ênfase maior é dada para o desenvolvimento das habilidades motoras, onde os fundamentos do futebol são utilizados para proporcionarem tal desenvolvimento. Faz-se de fundamental importância, não somente nesta idades mas em todas, a aquisição de um grande acervo motor, para que a criança tenha a possibilidade de realizar vários movimentos, tendo um controle sobre eles, em variadas situações e não em uma especificamente.

Três temas são enfatizados por cada aula de duas horas, sendo utilizado a primeira hora da aula para a realização de atividades lúdicas que contemplem

estes temas. A outra hora da aula é destinada para a realização do jogo de futebol, onde os temas são enfatizados dentro contexto do jogo.

Faixa etária de 9 e 10 anos:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FINALIZAÇÃO	X					X	X			
PASSE	X	X						X	X	
CONTROLE DE BOLA		X	X							X
CONDUÇÃO DE BOLA			X	X					X	X
DESARME				X	X		X	X		
DRIBLE					X	X				
Noção de espaço	X									
Equilíbrio		X								
Noção de tempo			X							
Motricidade fina				X						
Velocidade de reação					X					
Força de chute						X				
Agilidade							X			
Noção de corpo								X		
Força muscular									X	
Impulsão vertical										X

Nesta faixa etária, seguindo uma sequência pedagógica preestabelecida, a ênfase do trabalho é dada para o desenvolvimento dos fundamentos do futebol, neste momento estes fundamentos começam a ganhar características de fim, ou seja, têm-se um maior preocupação com o aprimoramento e desenvolvimento destes fundamentos que, alicerçados ao acervo motor adquirido, possibilitam a construção das características básicas para o futebol.

Também três temas são trabalhados por aula, somente que, neste momento o desenvolvimento das habilidades motoras se dá através dos fundamentos enfatizados na aula, ou seja, começa-se o aprendizado e desenvolvimento de habilidades que são mais específicas para o futebol.

Faixa etária de 11 e 12 anos:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Lançamento	X				X			X		
Cruzamento		X					X			X
Cabeceio		X					X			X
Goleiro			X		X				X	
Finalização		X	X		X				X	
Passe	X							X		X
Controle de bola	X					X			X	
Condução de bola				X			X	X		
Desarme				X		X				
Drible				X		X				
Habilidades motoras		X		X		X		X		X
Capacidades motoras	X		X		X		X		X	

Já nesta faixa etária temos a continuação do processo de aprendizagem dos fundamentos do futebol, ou seja, nesta fase a finalidade é o aprimoramento e desenvolvimento dos fundamentos do futebol. Na etapa anterior foi-se trabalhado os fundamentos mais simples, básicos, para que se pudesse nesta se desenvolver os fundamentos que se constituem como secundários, ou seja, como derivado do básicos. Por exemplo temos o lançamento, que nada mais é que um passe longo, ou seja, uma forma específica de passe, portanto, se a criança tem aprendido bem o passe ela poderá desenvolver, de forma mais natural o lançamento. Não se faz interessante para qualquer processo de

ensino-aprendizagem que se parta do complexo (lançamento) para o simples (passe), pois, seria como ensinar primeiro uma criança correr para depois ensiná-la a andar.

Faixa etária de 13 e 14 anos:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Goleiro	X									
Laterais		X								
Alas			X							
Libero				X						
Zagueiros					X					
Médio-volante						X				
Meio-campistas							X			
Atacantes								X		
Ponteiros									X	
TÁTICAS										X
Finalização	X						X	X	X	
Passe						X	X			
Controle de bola	X			X	X	X		X		
Condução de bola		X	X	X			X		X	
Desarme		X	X	X	X	X				
Drible								X	X	
Lançamento						X	X			
Cruzamento		X	X						X	
Cabeceio				X	X			X		

Nesta etapa do trabalho a ênfase é dada para o aprendizado do posicionamento tático e das posições dos jogadores durante o jogo.

Portanto, depois de adquirida toda uma bagagem motora e dos fundamentos é chegado o momento de se localizar dentro do contexto do jogo o momento adequado para se usar cada fundamento.

Os temas das aulas são as posições dos jogadores no jogo, ou seja, cada jogador desempenha um função específica dentro do contexto global do jogo. Com isso, em uma aula onde o seu tema é “laterais”, as funções do lateral se ensinada para os alunos, desde o local onde ele joga até a sua função dentro dos esquemas táticos mais utilizados atualmente pelo futebol moderno.

Portanto, na aula de “laterais” serão trabalhados os fundamentos que são mais utilizados pelos jogadores desta posição durante o jogo, ou seja, cada posição delega funções ao jogador, e este para comprí-las se vale mais de alguns fundamentos do que de outros, por exemplo, os laterais se utilizam mais da condução de bola, cruzamento e desarme, não obstante de saber que o jogador se valerá de todos os fundamentos durante uma partida de futebol.

Depois de contextulizadas todas as posições e seus funções, e os alunos terem vivenciados todas elas, ele terá a oportunidade de escolher em qual posição pretende jogar segundo o seu gosto e seu desempenho em cada uma, acabando assim, com a determinação e imposição das posições segundo critérios físicos. Pois, o que é muito comum é a imposição ao aluno para que este jogue em determinada posição de acordo com seus atributos físicos, se é grande deve ser goleiro ou zagueiro, se é baixo e rápido deve ser ponteiro, etc... e portanto, o aluno não tem a oportunidade de vivenciar as outras posições muito menos de escolher qual gosta mais.

Não se quer aqui negar que cada posição tem suas peculiaridades que podem vir a exigir determinadas qualidades físicas para um melhor desempenho na mesma, mas sim, está se querendo dar a oportunidade de escolha a cada

aluno, pois nem todos virão a se especializar no futebol e com isso, nada se impede que um aluno baixo e rápido venha desempenhar as funções de um zagueiro, se é esta a posição que ele mais gosta de jogar.

Após se ter percorrido todo este caminho, e o aluno ter adquirido toda esta bagagem motora e técnica, ele terá a oportunidade e a possibilidade de se especializar no futebol.

Portanto, ao final do processo o aluno terá o livre árbitro para escolher qual o caminho a seguir, se o do esporte (futebol) performance, ou esporte (futebol) participação, tendo por base o esporte (futebol) educação vivenciado, aprendido e desenvolvido na “escolinha de futebol”.

4.4. Atividades lúdico-pedagógicas para o desenvolvimento das habilidades e fundamentos do futebol¹⁰³

De acordo com o tema da aula algumas atividades podem ser utilizadas, algumas com forte ênfase lúdica para que a criança sinta prazer no seu aprendizado, sendo que este se torna mais significativo, ou seja, mais próximo da sua cultura infantil, facilitando a assimilação deste processo de ensino-aprendizagem, pois ela aprenderá brincando.

Não se pode deixar de lado as atividade mais de cunho técnico, pois em uma determinada etapa se faz necessário um melhor aprimoramento e aperfeiçoamento dos fundamentos, mas vale ressaltar que esta atividade técnica não pode se tornar desmotivante para o aluno, portanto, deve ser aplicada nos alunos mais velhos, permitindo que as crianças tomem gosto pelo futebol através de brincadeiras.

Abaixo, listar-se-á algumas atividades a partir dos fundamentos, somente como forma de ilustração para este trabalho, pois, não é objetivo desta monografia se constituir num receituário para o desenvolvimento das habilidades do futebol, mas, sim fornecer exemplos onde os interessados podem se basear e modelar para criar suas próprias atividades lúdico-pedagógicas.

Pois, neste procedimento de ensino o que, também, vale ressaltar é a criatividade do professor para criar mais atividades e variações destas, adaptando-se jogos e brincadeiras de rua para o contexto da aula e do futebol, como por exemplo: adaptar um jogo de beisebol para o futebol, procurando

¹⁰³ As atividades aqui descritas são partes integrantes do manual do professor da ESCOLA SUPERIOR DE FUTEBOL EUROAMÉRICA, que foi construídos pelos professores desta escola sob a orientação do Prof. João Batista FREIRE.

com ele desenvolver o chute inicialmente e posteriormente, com algumas variações nas regras desenvolver-se outros fundamentos, como o controle e a condução de bola.

Não se pode deixar de notar que algumas atividades, principalmente brincadeiras, podem ser utilizadas para o desenvolvimento de mais de um fundamento, ficando a cargo do professor dar mais ênfase ao fundamento que deseja desenvolver com a atividade.

Fundamentos do futebol:

Finalização:

- Gol à gol: atividade onde dois alunos ficam nos gols e tentam marcar gol um no outro chutando de longe, pois, além de tentar fazer o gol o aluno tem que proteger o seu. Variações pode-se fazer no tocante ao número de alunos no jogo, dois ou no máximo três em cada gol, se o professor só tem a sua disposição um campo, ele deve se utilizar de estacas ou cones para construir pequenos campos, para que todos os alunos participem da brincadeira, sem ficar nenhum aluno esperando vez.

- Controle: os alunos, no máximo seis em cada gol, devem controlar a bola três vezes antes de poder chutá-la ao gol, ou seja, os alunos sem deixar a bola cair no chão trocam passes sendo que depois do terceiro chuta-se ao gol, também sem deixar a bola cair. Variações podem ser realizadas aumentando-se o número de controles.

- Rebatida: Joga-se dois contra dois, sendo que dois alunos ficam no gol e os outros chutam. Os que estão chutando tem direito de efetuar três chutes cada, depois troca-se, os goleiros vão chutar e os chutadores vão para o gol. Se o goleiro der rebote, ou a bola bater na trave, os chutadores podem pegar a bola e tentar fazer o gol driblando os goleiros. Variações podem ser feitas determinando valores, pontos, para as rebatidas, por exemplo: bola na trave (lateral) 3 pontos, bola no travessão (superior) 5 pontos, escanteio 2 pontos, rebatida do goleiro 2 pontos, vértice das traves 10 pontos, gol 1 ponto.

- Safda com atraso: forma-se duas filas, uma um pouco a frente da outra. A bola fica na fila que está mais à frente, o aluno sai conduzindo a bola em direção ao gol, um outro aluno sai sem bola, da fila que se posicionou mais atrás, procurando alcançar o aluno com bola para tentar desarmá-lo, ao final os alunos trocam de fila. Variações podem ser feitas aumentando-se a distância entre as filas aumentando o atraso.

Passe

- Bobinho: forma-se um círculo e no meio fica um aluno, o bobo, este deverá tentar roubar a bola dos alunos que estão no círculo, enquanto estes trocam passes. Variações podem ser efetuadas determinando-se números limites de toques na bola, três, dois, um (de acordo com o desenvolvimento e estágio que os alunos se encontram), ou não deixar que o círculo abra, o bobinho encostou na bola já sai (não precisando dominar a bola), etc...

- Passe dez: dividi-se os alunos em dois times, um time fica com a bola e tenta trocar dez passes, enquanto que o time adversário tentar impedir e roubar a bola. Cada dez passes consecutivos efetuados um ponto é marcado, se a equipe adversária roubar a bola ela passa a tentar alcançar os dez passes. Variações podem ser feitas aumentando ou diminuindo o número de passes, e as limitações de toque, bem como a dimensão do campo.

- Estafetas de passe: forma-se duas colunas, determina-se uma distância, dois alunos de cada coluna trocam passes até um local demarcado por um cone e voltam, e passam a bola para os seguintes, a fila que acabar primeiro ganha. Variações podem ser realizadas aumentando-se a distância e nas mais variadas formas de estafetas existentes.

- Passe cruzado: dois alunos, um de frente para o outro com uma bola começam a trocar passes, outros dois alunos com outra bola, também de frente um para o outro, tentam interceptar a bola dos alunos que estão efetuando os passes. Variações podem ser feitas contando-se o número de passes que os alunos conseguem realizar sem que os outros acertem sua bola.

Controle de bola

- Campeonato de embaixadas: cada aluno com uma bola, fica tentando realizar um número máximo de embaixadas, o que conseguir mais vence. Variações podem ser realizadas aumentando ou diminuindo o tamanho da bola.

- Fut-volei: jogo de vôlei adaptado para o futebol, onde os alunos não podem deixar a bola cair no seu campo e tem que fazer a bola passar para o campo adversário por sobre uma rede. Variações podem ser feitas aumentando ou diminuindo o tamanho da bola, do campo, e dos jogadores.

- Desafio de toques: os alunos são divididos em pequenos grupos, e sem deixar a bola cair no chão devem efetuar passes. Uma variação pode ser feita, além do tamanho da bola, é que os alunos devem em uma rodada de bola por todos os alunos efetuar um toque na bola, depois na segunda rodada dois toques, na terceira três e assim sucessivamente até o máximo que o grupo conseguir.

- Cestobol: com cestos de lixo ou similares, constrói-se alvos que devem ser acertados pelos alunos. As cestas os alunos devem ser distribuídos no campo, para que um não atrapalhe o outro e todos possam realizar muitas tentativas. Variações podem ser obtidas através do uso de bolas com pesos e tamanhos diferentes.

Condução de bola:

- Mãe da rua: este jogo é adaptado de uma brincadeira de rua resgatado da cultura infantil. Cada aluno tem uma bola, somente o pegador, que fica num espaço delimitado (mais ou menos do tamanho de uma rua), não tem bola. Os alunos conduzindo suas respectivas bola devem atravessar este espaço fictício da rua sem deixar o pegador roubar a bola. Variações podem ser realizadas através do aumento ou diminuição do espaço do campo ou aumentar o número do pegadores.

- Siga o mestre: Cada aluno com uma bola deve seguir o mestre procurando segui-lo a todos os lugares possíveis de se ir com a bola nos pés, por exemplo: subir e descer escadas, subir e descer em morros, passar por buracos, explorar relevos. Uma boa variação pode ser realizada através da determinação de que cada aluno pode fazer o percurso que quiser, sendo ele mesmo o determinador dos desafios que enfrentará.

- Estafetas de condução: Forma-se colunas com um número reduzido de alunos para que todos possam ter mais vezes contato com a bola, cada aluno conduz a bola de um ponto delimitado à outro, voltando e entregando a bola para o próximo da coluna. A coluna onde todos os alunos forem, ou seja, terminarem primeiro ganham. Variações podem ser feitas alternando-se a distância de condução, e ou, colocando-se obstáculos (cones ou estacas) para os alunos conduzirem a bola em zigue-zague.

- Fórmula 1: Constroi-se uma pista de corrida. Cada aluno com uma bola, deve percorrer a pista sem deixar a bola sair do espaço determinado por ela, sendo vencedor o aluno que chegar em primeiro após completar determinados números de voltas. As variações podem ser feitas no tocante a tamanho, forma (sinuosa, ovalada, com obstáculos) e largura de pista. Um “qualifine” e um “pit stop” pode ser introduzidos nas regras.

Desarme:

- Morcego da rua: esta atividade é similar à “mãe da rua” no tocante ao organização do campo. Portanto, cada aluno com sua bola deve atravessar a “rua”, o pegador denominado “morcego” deve desarmar os outros, cada aluno desarmado entrega a bola para o professor e se transforma num morcego para ajudar a desarmar os demais. Ganha o jogo o último que for desarmado. As variações podem ser conseguidas através do uso de bola de diferentes tamanhos.

- 2 contra 1: Situação similar do jogo onde um aluno tentar desarmar uma jogada de dois alunos. Variações podem ser 3 X 2, 4X3, ...

- Jogo alemão: Dividi-se os alunos em três times A, B, C. Em uma metade do campo, por exemplo, “A” ataca “B”, “C” espera na outra metade, se “A” marcar gol ele vai atacar “C”, mas se “B” desarmá-lo é ele quem vai atacar “C”, e assim sucessivamente.

- Gol Cachote: são construídos golzinhos, dividi-se em dois times. O jogo é normal, só que devido ao gol ser pequeno se faz necessário que o aluno chega mais perto do gol proporcionando maiores oportunidade para o aparecimento do desarme.

Drible:

- Futebol Numerado: dividi-se os alunos em duas equipes, e cada aluno receberá um número. Todos os alunos se posicionam juntos aos seus respectivos gols. O professor ao centro do campo, joga a para cima e chama um número, por exemplo 4, então o número 4 de uma equipe vai jogar contra o 4 da outra equipe, quem fizer o gol marca o ponto. Variações podem ser obtidas quando o professor chamar mais de um número para jogar.

- 1 contra 1: Cada dois alunos com uma bola, explorarão o drible criando novas possibilidades. Então um aluno tentará driblar o outro, quando um roubar a bola troca-se as funções. Variações podem ser feitas delimitando-se um espaço para o drible.

- Enfrentar o goleiro: Utilizando-se de vários gols para que não se forme filas grandes, os alunos saem com a bola dominada em direção ao gol para tentar driblar o goleiro e marcar o gol. Uma variação possível seria colocar um zagueiro na frente do goleiro, então o aluno teria que driblar os dois.

- Túnel do drible: Esta brincadeira é uma adaptação de um jogo de video-game. Delimita-se um espaço semelhante a um túnel e neste coloca-se vários portais, sendo cada um defendido por um guardião (aluno), os outros alunos devem conduzir suas bolas pelo túnel e driblar os guardiões para atravessar os portais, cada aluno tem cinco tentativas (vidas), se conseguir chegar ao final ganha outra chance. Se o aluno perder o controle da bola e esta sair pelos lados do espaço delimitado este também perder a chance.

Lançamento:

- Bobão: Dividi-se os alunos em três equipes “A”, “B”, e “C” e o espaço em três campos consecutivos, a equipe que ficar no campo do meio é o bobão, então uma equipe tem que lançar a bola para a outra sem deixar que a do meio intercepte a bola, se isto acontecer troca-se a equipe que é o bobão. Uma variação pode ser feita determinando três toque na bola para passar para o outro time.

- Fut-Tênis: cria-se vários mini campos de tênis e os alunos simulam um jogo de tênis, mas a raquete é as pernas, então joga-se com os pés. Pode-se variar os tamanhos de bolas.

- Lançamento com goleiro: o jogo tem dois goleiros contra dois atacantes. Um goleiro fica no gol e o outro fica mais adiantado, um jogador deve tentar lançar a bola sobre este goleiro adiantado para a entrada de um outro jogador que tentará finalizar o lance contra o goleiro que ficou no gol. Os goleiros podem pegar a bola com as mãos em qualquer parte do campo.

- Lance ao alvo: Delimita-se alvos no campo e os alunos a determinadas distâncias tentar lançar a bola e acertar os alvos, marcando pontos. Estes alvos podem ser colocados em graus de dificuldades progressivas.

Cruzamento:

- Brincadeira de escanteio: os alunos à vontade brincam de cobrar escanteio para os outros cabecearem ou chutarem no gol, é uma brincadeira sem muitas regras. Variações podem ser feitas determinando atacantes e defensores.

- Faltas laterais: os alunos cobram faltas nas laterais, cruzando a bola na área para os outros tentarem fazer o gol. Vale notar que a diferença desta atividade para a descrita acima é o pés com que o aluno cruzará.

- Gol Olímpico: os alunos tentam cobrar um escanteio direto para o gol.

- Jogo com cruzamento: dividi-se os alunos em duas equipes e começa-se um jogo de futebol normal, somente que cada cruzamento que sair no jogo vale um ponto e cada gol que for marcado advindo de um cruzamento vale dois pontos.

Cabeceio:

- Corrida de cabeceio: os alunos dispostos dois a dois trocando passes de cabeça sem deixar a bola cair tentam percorrer um espaço determinado no menor tempo possível.

- Hand cuca: dividi-se os alunos em dois times, sendo as regras do jogo semelhante ao do handbol, portanto é jogado com as mãos, a diferença se dá no momento do arremesso para o gol, pois os alunos terão de jogar a bola para que outro cabeceie para o gol.

- Gol de cabeça: dividi-se os alunos em vários gols e estes devem controlar a bola e tentar fazer o gol com a cabeça, se cabecear para fora é ponto do goleiro se fizer o gol é ponto para os jogadores. Variações podem ser feitas determinando números de toques de cabeça sem deixar a bola cair no chão antes de se cabecear contra o goleiro.
- educativo dois a dois de cabeceio

Goleiro:

- Bola torre: delimita-se um círculo, colocando no centro um cone com uma bola em cima, escolhe-se um ou dois defensores para o cone, enquanto que os outros alunos, fora do círculo, com uma ou mais bolas tentam chutá-las e derrubar a bola que esta no cone. Já os defensores devem defender as bolas impedindo que estes alcancem seus objetivos.
- Queimada: Dividi-se dois times. Um aluno tem que jogar a bola para queimar o jogador do outro time, este para se defender pode ou desviar da bola ou agarrá-la sem deixá-la cair no chão. Os jogadores queimados podem sair do jogo ou irem para um cemitério ajudar seus companheiros a queimar o resto de jogadores do outro time.
- Metralhabol: O goleiro fica no gol e dez bolas são colocadas a sua frente, os alunos chutam as bolas, uma de cada vez, mas com espaço muito curto de tempo entre uma bola e outros, dando tempo apenas do goleiro cair e levantar.

- Paredão: Coloca-se um aluno de frente para uma parede, então joga-se a bola contra esta parede e o aluno tem que pegar a bola. Mas o importante é que o aluno só veja a bola quando esta bater na parede, trabalhando o seu tempo de reação, conforme o aluno vai melhorando se diminui o espaço, fazendo com que o aluno fique mais próximo da parede.

Considerações finais

Depois de percorrido todo este trabalho monográfico, em síntese, pode-se notar que ele foi construído de maneira que o conhecimento fosse transmitido e desenvolvido de forma espiralada, ou seja, o primeiro capítulo interrelaciona-se com o segundo, que interfaceia o terceiro, que suporta o quarto.

Pode-se notar, que num primeiro momento se procurou mostrar, e ressaltar a importância da pedagogia no desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem coerente, que visa adequar esforço e proporcionar um desenvolvimento harmônico e global para os iniciantes da prática esportiva.

Vale ressaltar que no capítulo II se procurou analisar através de alguns estudos teóricos, que o desenvolvimento motor acontece na mesma seqüência para todos, só que em velocidades diferentes, sendo que esta informação deve ser levada em consideração para o desenvolvimento e organização de qualquer trabalho com iniciação de crianças no esporte em geral.

Já a competição viveu um momento dentro da história da Educação Física, onde ela era vista como desumana e deseducativa para as crianças, por isso não deveria ser estimulada e desenvolvida. Mas atualmente superado este momento histórico e reparado-se este equívoco, principalmente por contribuição de alguns estudiosos portugueses, foi-se aperfeiçoado e resgatado a importância da competição no processo de aprendizagem do esporte para as crianças.

O relato da experiência da FEF-UNICAMP e a proposta de trabalho apresentada, longe de se divergirem, procuram se dialogar e complementar. Sendo a proposta de trabalho com futebol apresentada toda respalda por princípios pedagógicos e metodológicos descritos no capítulo III.

Uma nota fundamental deste trabalho, que não poderia passar despercebida, é que apesar deste estudo apresentar apenas exemplos de trabalhos com futebol, as questões discutidas e levantadas podem e devem ser levadas em consideração na iniciação de qualquer modalidade esportiva, justificando-se, então, o título desta monografia: “Escolas de Esportes: Uma questão pedagógica”.

Ao final, chega-se a conclusão que um trabalho de iniciação esportiva, em escolas de esportes, e principalmente em escolas de futebol, devem ser um atestado de óbito do empirismo, ou seja, não cabe mais trabalhos de iniciação que não se atentem para os aspectos levantados por este limitado estudo.

Portanto, o trabalho com qualquer esporte tem de ser, na teoria e prática, um exercício humanamente criador e responsável, que, regido por uma pedagogia própria, transmita muito mais que o aprendizado de gestos técnico-esportivos. Valores éticos, sociais e morais devem ser ensinados através das várias possibilidades que o conceito de esporte abrange, para que se possa fazer do educando um ser agente e transformador do seu tempo, preocupado com uma cidadania que lhe permita viver bem em qualquer que seja o caminho do esporte escolhido por ele à seguir.

Cientes dos limites deste trabalho monográfico, não se procurou tecer críticas à este ou àquele trabalho, mas trazer exemplos de trabalhos preocupados com a construção de uma pedagogia de esportes, e que possam servir como um momento de reflexão a todos os profissionais envolvidos direta ou indiretamente com a iniciação esportiva.

Referências Bibliográficas

BENTO, J. O. “Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva”. In *O desporto no século XXI - Os novos desafios*, 1991.

BETTI, M. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: editora movimento, 1991.

CANFIELD, J. Jogo, esporte, desporto” *Revista Kinesis*, Santa Maria, v.1, n.2: 149-151, 1985.

CAPINUSSÚ, J. M. A necessidade da presença do professor de educação física no trabalho das escolinhas. *Sprint*, 3 (2): 86-89, 1985.

Dicionário do pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

EINSTEIN, A. *Como vejo o mundo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1989.

GUIRALDELLI JR., P. *O que é pedagogia*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

INCARBONE, O. Iniciação desportiva. *Revista brasileira de ciência e movimento*, 4 (3): 98-103, 1990.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LE BOUCH, J. *O desenvolvimento psicomotor do nascimento até os 6 anos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LEGUET, J. *As ações motoras em ginástica esportiva*. São Paulo: Manole, 1987.

LIMA, L. O. *Introdução à pedagogia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Pedagogia: Reprodução ou transformação*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARCELLINO, N. C. *A dicotomia teoria/prática na educação física*. Anais da III semana de estudos - Departamento de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu - São Paulo, 1995.

MAÜLER, I. M. B. Competição Cooperativa: um meio para educar. *Sprint*, ano VI, n. 2, p. 80-82, 1985.

MEDINA, J. P. S. Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo.

In MOREIRA, W. W. (org). *Educação física & esportes*.

Perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, 1992.

MONTAGNER, P. C. *Esporte de competição X educação?*. O caso do basquetebol. Piracicaba, 1993. Dissertação (mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UNIMEP, 1993.

PAES, R. R. *Aprendizagem e competição precoce*. O caso do basquetebol. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

PARLEBÁS, P. Perspectivas para uma educação física moderna.
Cadernos Técnicos, Unisport Andalucia, Malaga: Espanha, 1987.

PINI, M. C., CARAZZATO, J. G. *Fisiologia esportiva*. (xerox).

PIRES, G. In *O desporto no século XXI* - os novos desafios. 1991.

SAVIANI, D. *Do senso comum à consciência filosófica*. 9. ed., São Paulo: Cortez editora-autores associados, 1989.

SÉRGIO, M. *Para um desporto do futuro*. Lisboa: Desporto, 1985.

_____. *Para uma epistemologia da motricidade humana*. Lisboa: compedium, 1987.

- _____. *Educação física ou ciência da motricidade humana?*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1991.
- SEURIN, P. A competição desportiva e a educação do adolescente. *Revista Artus*, Rio de Janeiro: ano VII, n.12/14: 44-47, 1984.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 17. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1991.
- SNYDERS, G. *Alunos felizes*. São Paulo: Paz e terra, 1993.
- TANI, G. et. alli. *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.
- TARGINO, M. G. *Citações bibliográficas e notas de rodapé: um guia para a elaboração; nova versão* / Maria das Graças Targino Moreira Guedes - Teresina: UFPI, 1993.
- TUBINO, M. J. G. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In MOREIRA, W. W. (org) *Educação física & esportes. Perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.
- _____. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992 b.

VERENGUER, R. C. G. Sobre a premência do estudo do fenômeno esporte. *Revista paulista de educação física*, São Paulo, 3 (5): 83-86, 1989.